

3 1761 07136197 6

PQ
9231
R48A9
1917





AVTO DA NATVRAL
INVENC,AM



* * * * *

Auto feyto por Antonio Ribeyro Chiado, Chamado,
Natural inu enção. Representado ao muyto
alto Rey Dom Ioan Terceyro.

OBRA DESCONHECIDA

COM UMA

EXPLICACÃO PRÉVIA

PELO

CONDE DE SABUGOSA

* * * * *



LIVRARIA FERREIRA, FERREIRA L.^{DA}, EDITORES

132, 134, RUA AUREA, 136, 138 * LISBOA * 1917



AUTO DA NATURAL
INVENÇÃO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

- O Minuete.* — Comedia em 1 acto. — Não entrou no mercado.
Poemetos. — Versos, 1 vol.
De Braço dado. — 1 vol. — Collaboração com o Conde de Arnoso.
O Paço de Cintra. — 1 vol. — Com illustrações e desenhos de Sua Magestade a Rainha.
Na guella do Leão. — Conto. — 1 vol.
Auto da Festa, de Gil Vicente, com uma explicação prévia. — 1 vol.
Historiadores Portuguezes. — Cónferencia. — 1 vol.
Embrechados. — 2.^a edição. — 1 vol.
Donas de tempos idos. — 1 vol. — Edição exhausta.
Gente d'algo. — 1 vol.

ANTONIO RIBEIRO CHIADO

AUTO DA NATURAL INVENÇÃO

OBRA DESCONHECIDA
COM UMA
EXPLICAÇÃO PRÉVIA
PELO
CONDE DE SABUGOSA



1917

LIVRARIA FERREIRA

FERREIRA L.^{da}, EDITORES

132-134, Rua Aurea, 136-138

LISBOA



PQ
9231
R48A9
1917

1125372

JUSTIFICAÇÃO D'ESTA PUBLICAÇÃO

BARBOSA MACHADO :

« *Auto da natural invenção*. Foy representado na presença del Rey D. João III e se imprimio » (sem mais indicação).

Bibliotheca Lusitana, verb. — Antonio Ribeiro Chiado.

J. H. DA CUNHA RIVARA :

« Dos seus opusculos (do Chiado) chegaram a ser impressos alguns ; que apesar disso são hoje tão raros que podem passar por ineditos ; e são os seguintes :

— *Philomena dos louvores dos Santos*

— *Auto de Gonçalo Chambão*

— *Auto da Natural Invenção*. — Foi representado na presença del rei D. João 3.^o e consta que se imprimio. »

Panorama, vol. 4.^o, pag. 406.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA :

« *Auto da Natural Invenção*. Diz Barbosa que fôra representado na presença d'El Rei D. João III e *que se imprimio*, mas não declara onde nem quando, no que bem mostra não o ter visto. Outro tanto aconteceu ao compilador do *Catalogo* da Academia, que na fôrma do seu costume reproduzio simplesmente o titulo, tal qual o achou em Barbosa sem lhe acrescentar ou diminuir cousa alguma, nem fazer a seu respeito a menor observação. »

Diccionario bibliographico portuguez, verb. Antonio Ribeiro Chiado.

ALBERTO PIMENTEL :

«Das obras do Chiado mencionadas pelo abbade Barbosa, não podemos encontrar, por mais diligencias que empregámos, as que são designadas com as letras a, b, c.

a) *Philomena*, etc.

b) *Auto de Gonçalo Chambão*.

c) *Auto da natural invenção*, que Barbosa dá como impresso, sem citar, comtudo, edição alguma.»

A. Pimentel — *O poeta Chiado*, pag. LXVI.

Ibd. Ibd. :

«Fiz diligencias por encontrar na Bibliotheca Nacional de Madrid algum dos Autos *perdidos* do Chiado: o *Gonçalo Chambão* e o da *Natural Invenção*.»

Resposta: -- «... las obras del poeta portugués porque me preguntaba no aparecen en lon indices de esta Biblioteca» (de Madrid).

Ibd. Ibd., pag. LXXI.

TEOPHILO BRAGA :

«155? (sem data) *Auto da Natural Invenção*. Barbosa não fixa exemplar algum emquanto a data ou formato de edição, porque não logrou vel-o.»

Eschola de Gil Vicente, pag. 125.

«Desconhecem-se hoje os seus dois Autos — *da Natural Invenção* e *Gonçalo Chambão*, muitas vezes impressos no seculo xvii».

Ibid., *Ibid.*, pag. 121.

«E' crível que a *Natural Invenção* constasse de scenas de imitação de personagens conhecidos, desempenhados pelo poeta.»

Ibid., *ibid.*, pag. 100.

ALBERTO PIMENTEL :

«E' verdade que a mesma Encyclopedia (portugueza illustrada), tambem diz que o Chiado escreveu varios Autos, sendo conhecidos dois — o de *Gonçalo Chambão* e *Auto da Natural Invenção*; justamente estes dois é que *ninguem tem podido ver*.

Novas investigações, pag. 17, nota 2.

EXPLICAÇÃO PRÉVIA

I

O exemplar da folha volante

Escondida nos refolhos de uma velha Miscelanea, juntamente com o *Auto da Festa* de Gil Vicente, e mais algumas *folhas volantes*, umas ignoradas, outras consideradas perdidas, e todas exemplares rarissimos ou unicos na bibliographia portugueza, a farça que vem hoje de novo á estampa jazia na minha bibliotheca, dormindo socegada o seu somno mais de trez vezes secular.

Por que acordou? Já contei, nas breves palavras com que precedi a publicação d'aquelle *Auto de Mestre Gil*, como, herdando a livraria que tem acompanhado a minha gente de Paes a Filhos, e desejando dar-lhe organização, mandei em 1904 imprimir um catalogo que, ao alcance *studiosorum et amicorum*, facultasse a procura facil das especies, até então sumidas nos dizeres imprecisos de inventarios anteriores.

Distribuido esse catalogo, em que as *Miscelaneas* foram arejadas, trazendo-se á luz cada peça que as compunha, logo se salientou um volume, cujo contheúdo era particularmente precioso, por constar de vinte e uma obras intangidas pelos bibliophilos.

Descrevi-o minuciosamente fazendo a resenha das folhas volantes, que o collecionador anonymo, em tempos idos, enfeixou com cuidado e amorosa paciencia n'esse valioso codice. ¹

¹ Vid. *Auto d.: Festa*, com uma explicação previa — Livraria Ferreira 1906 — pag. 39 e seg.

E portanto inutil repetir o relato, como é desnecessario encarecer a importancia que para a litteratura, para a bibliographia, e até mesmo para a historia da gravura em madeira entre nós, teve a revelação da existencia d'esse conjunto de edições curiosas.

Cinco Autos reclamavam principalmente a attenção por serem desconhecidos: — O *Auto do Nascimento de S. João*, de Fernão Mendes, (um ignorado poeta da escola vicentina); os *Autos de Santiago e de San Vicente* de Affonso Alvarez; e o *Auto da Natural Invençam*, de Antonio Ribeiro Chiado.

Este ultimo fôra mencionado por Barbosa Machado, o patriarcha da bibliographia portugueza, e por seus sequazes, que todos o reputavam perdido.

Sabia-se ter existido porque o Indice expurgatorio de 1624 o mencionava, indicando as passagens que deviam ser supprimidas, ¹ e Nicolau Antonio na sua *Bibliotheca Scriptorum Hispaniae* mencionava-o.

Mas ninguem o vira.

Facil é portanto imaginar o alvoroço que agitou o pequeno mundo dos letrados com o aviso do apparecimento d'esta obra do poeta gracioso.

Mostrou então o Sr. Alberto Pimentel desejo de publicar esse Auto, em continuação aos seus trabalhos relativos ao Chiado. ²

Accedi gostosamente, pois ninguem melhor que o erudito escriptor estava indicado para esta empreza, pelas qualidades da sua penna, e pela convivencia espiritual com o poeta durante os annos que o estudou, tomando-se por elle de tal affeição, que não *deixou nunca apagar a lampada do seu culto*.

Quizeram porem circumstancias mofinas, e motivos alheios á sua vontade, que o illustre homem de letras não podesse realizar o seu intento.

¹ Indice Expurgatorio pag. 93.

² Obras do Poeta Chiado — colligidas, anotadas e prefaciadas por Alberto Pimentel.

Passaram-se mais de dez annos. E como me molestasse o animo a ideia de que um accidente nefasto viesse a destruir esta, e outras obras do volume, que me proposera ir dando successivamente á estampa em *fac simile*, resolvi, obtendo a devida venia do meu douto amigo, tirar desde já a lume, o *Auto da Natural Invenção*.

Seguir-se-hão outras, se Deus me conceder vida, e com ellas ficará avolumado o patrimonio das boas lettras, sem que isso faça mingoado o meu morgadio.

*
* * *

Se ainda persistisse nas leis essa maneira de ser da propriedade — o morgado — que tantos desbaratos e destruições podia evitar, não deixaria este codice de andar vinculado, como outras joias da minha legitima paterna.

Hoje, porem, com a divisão forçada dos bens da herança, que tende a fazer dispersar cada vez mais os thesouros d'arte e as preciosidades da Nação, depois de eu legar este volume ao meu primogenito, e este ao seu, qual será o destino que as vicissitudes do tempo e da fortuna lhe darão?

Vinculado comtudo que elle fosse, isso obstaría, sim, a que n'um futuro mais ou menos remoto fosse arrebatado de Portugal, como tantos outros, mas não daria desde já aos estudiosos a faculdade de entrarem a conhecer as peças que elle contem.

Il-as desentranhando uma a uma do mauzoleo em que estavam sepultadas, é o intuito da presente publicação, e das que se forem seguindo.

Com essa publicidade não padecerá, repito, o valor da estimada *Miscellanea*.

Só um bibliomaniaco desvairado pode julgar que — o exemplar unico — perde em ser reproduzido. Ha, bem sei, os que professam essa opinião. São os avarentos do livro, os sofregos, os somitegos, os egoistas, que consideram como suprema voluptuosidade aferrolharem em suas arcas a joia valiosa murmurando — «Só eu é que a possúo»!

Mas não vale a pena discutir esse criterio acanhado. Os factos demonstram o erro chão dos seus juizos.

Que perderam do apreço e da estima dos bibliophilos e do publico os raros exemplares das duas primeiras edições dos Luziadas, do Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende ou das obras de Gil Vicente (para não citarmos mais) com as reproducções e edições criticas que d'essas obras se fizeram? Hoje, como sempre, são monumentos inestimaveis.

No *British Museum* todas as obras podem ser photographadas mediante alguns shellings. Não perdem com isso os livros, como não perde em ser divulgada a Gioconda de Vinci (a obra d'arte que talvez mais reproducções tem soffrido) a qual longe de diminuir com a vulgarisação, vae conquistando cada vez mais com o seu enigmatico sorriso a admiração do mundo inteiro.

É que o valor de uma obra d'arte, ou seja em litteratura ou em desenho, em pintura ou em esculptura é funcção de circumstancias infinitamente varias. O merecimento do artista que a produziu, a celebridade historica que a consagrou, os decretos da moda, os preços que attingiu em leilões, disputada por milionarios e apaixonados, e ainda o simples capricho de uma convenção, que ás vezes classifica como inapreciavel um objecto, que o são criterio desdenha por insignificante, são outras tantas modalidades d'esse phenomeno tão inconsistente, a que se chama a estima publica. No livro então o valor provem não só do talento, da arte, da magia da palavra que o auctor n'elle accumulou, como tambem de considerações de ordem extrinseca, que dão a um volume gráus differentes na veneração publica, preços diversos na mercancia do alfarrabista.

Um icunabulo do seculo xv; um livro de *Horas* illuminado por artista de mystica inspiração; uma Biblia possuida ou manuseada por Princeza de prestigioso renome; uma edição *princeps* de obra celebre; um exemplar enriquecido com annotações e autographos de personagem notavel, ou encadernado em officinas famosas, o exemplar raro, o exemplar *unico*, attingem preços fabulosos nos mercados do mundo, especialmente na America, onde as nações novas tanta fome tem das antiguidades europeas.

Simplesmente por serem *unicos*, e independentemente

do merito litterario, teem-se vendido alli por milhares de *dollars* alguns d'esses preciosos alfarrabios.

Se assim succede com livros de auctores pouco mais que anonymos, que attenção carinhosa não merecem as obras de engenhos consagrados, que a bibliographia reputava perdidas!

*
* *

Esta de que vamos usar impõe-se por muitos titulos.

Auctor, o Chiado — entrecho até agora desconhecido — o unico do comediographo representado no Paço — a linguagem por vezes obscura, mas no entretanto sempre caracteristica e pittoresca — e a revelação que nos dá da technica do Poeta. São outros tantos pontos que prendem o interesse.

Se cada um d'elles, na exposição que vae seguir, não tem um desenvolvimento notavel pela largueza de conhecimentos ou pelo encanto no artificio, o *fac-simile* satisfará a ancia estudiosa dos eruditos; e a tentativa de transcripção a curiosidade dos profanos.

Examinando esse *fac-simile* ocorre por ventura ao espirito do leitor perguntar-nos em que officina foi impresso o Auto.

Como se verá ao encarar a sua primeira pagina, nenhuma indicação directa existe a esse respeito.

Entretanto somos inclinados a crer que seria em casa de Germão Galhardo, conhecido impressor, que teve uma typographia em Lisboa de 1519 a 1560.

Induz nos a essa supposição o exame de uma *Miscelanea* existente na Bibliotheca Nacional, com o n.º 218 dos *Reservados*.

N'esse precioso alfarrabio, que o instincto me diz ter sido colligido talvez pelo mesmo curioso bibliophilo que reuniu as peças do meu, existem 20 folhetos¹. Entre esses ha

¹ 1 Coplas de Jorge Manrique. 2 Glosa de Alonso de Cervantes. 3 Glosa de Jorge de Montemor sobre la muerte de la Princeza D. Maria. 4 Saraiva (Gabriel de) obra sobre la muerte de la Princeza D.

trez peças theatraes do Chiado — *Pratica das oito figuras*, *O Auto das Regateiras*, e a *Pratica dos Compadres* — evidentemente impressas na mesma typographia.

Ora no *Auto das Regateiras*, ao fundo da portada, lê-se a palavra *Germagalha* o que é clara indicação da officina de Germão Galharido como bem supõem Innocencio e os Srs. Julio de Castilho, e Alberto Pimentel. Algumas das gravuras que illuminam as portadas reproduzem-se em outros folhetos do mesmo volume. E na *Pratica dos Compadres* apparece a mesma figura do *Escudeiro* (?) embuçado, com um ramo de flores surdindo do gibão, que tambem vemos no nosso *Auto da Natural Invenção*. Esta chapa em madeira, que existia na officina, era pelo editor applicada como se vê a varias composições.

Bem sabemos que isto não é uma prova irrefutavel, pois podia a chapa ser usada por outra typographia. Mas não é natural que isso succedesse emquanto a officina de Galharido existia. O typo do *Auto da Natural Invenção* não é o mesmo dos referidos Autos. Mas é de suppor que n'aquella officina houvesse varias formas de letra para a estampagem d'este genero de folhas volantes.

Maria. 5 Trovas de Chrisfal. 6 Tragedia de los amores de Eneas. 7 Queixas que hizo la reyna Dido. 8 Chistes por diversos autores. 9 Aguilar (Pedro) Glosa. 10 Hurtado (Luiz) Romance de las cosas de Toledo. 11 Ribeiro Chiado — Pratica de oito figuras. 12 Auto das Regateiras. 13 Pratica dos Compadres. 14 Espejo de Namorados 15 Comedia llamada Vidriana. 16 Dialogo de mujeres. 17 Coplas de Bias contra fortuna. 18 Pulgar Coplas de Mingo Revulgo. 19 Blasco de Garay — Cartas en Refranes. 20 Bernardim Ribeiro. (Egloga. . . de Sivestre e Amador)

II

O Chiado

Extranha figura a d'este frade, auctor e representador do *Auto da Natural Invenção!*

Franciscano professo, abalando de Evora onde, muito novo ainda, tomara habito, veiu pousar na rua es:reita, que entestava com a calçada de Pae de Nabaes e a que chamavam da Porta de St.^a Catharina. A essa rua legou a sua alcunha de *Chiado*, por um phenomeno de endosmose philologica, semelhavei áquelle por que a recebera talvez de Catharina Dias, dona viuva — a Chiada ¹.

Quanta vez durante os vinte annos da sua esturdia, ao sahir da morada modesta em que habitava (por ventura a venda do fabricante de vinhos, marido de Catharina), e descendo as Fangas da Farinha (hoje rua do Almada), ao passar ali no Pateo das Comedias (hoje Tribunal da Boa Hora), e ouvindo lá dentro as vozes emphaticas dos interlocutores das farças de Gil Vicente, não sentiria sob o habito seraphico, cingido pelo cordão de esparto, latejar nas veias o sangue agitado por mundanaes impulsos, e não iria ruminando em vez de piedosos psalmos ou mysticos threnos, algumas das facecias que poz em scena, ou dos casos picaros, com que alegrou os contemporaneos!

¹ Vide Alberto Pimentel, *Óbras do Poeta Chiado*, pg. xxvi e seg. e *Novas Investigações*, pg. 12 e seg.

A veia comica, o rimar facil, a graça plebea, o chiste prompto, a chalaça alacremenente portuguesa, um perenne bom humor, e uma vida toda de folgança e dissipação, dispunham-n'o mais para companheiro de Luiz de Camões, na quadra em que este pelas ruas de Lisboa dava cutiladas, entoava canções de terneza, e cortejava as damas do Paço, que a sujeitar-se humildemente às rudezas da sua regra.

Desfradou-se. Mas não rasgou revoltado o habito religioso.

De indole bonacha e folgazã não sentia em si uivar a alma de Luthero. Seduzia-o antes o cascavel da gargalhada de Rabelais.

Não criticava doutrinas, não condemnava instituições.

Satyrisava ridiculos com uma philosophia rasteira, facil, de poucas complicações.

Mordiscava algumas vaidades ou beliscava altivas arrogancias? Se o fazia, nunca a victima sangrava.

Era o frade folião, e não o monge renovador da disciplina.

Por isso, com o pretexto de um erro no acto da profissão, annulou os votos e sahiu da ordem, mas, (caso extravagante!) frequentando os centros de prazeres equívocos, sempre conservou vestida a estamemha de franciscano.

A sua vida era dissoluta. Lá o diz uma antiga noticia que serviu a Rivara: «quando frade era *bargante, diçidor, poeta*, e para usar da sua condição (isto é, dar largas ao seu natural), fugiu do mosteiro.»

Assim andou annos, até que foi preso e penitenciado no Aljube.

Da cadeia dirigiu ao seu prelado uma carta em verso, pedindo-lhe perdão e clemencia.

Logo d'este documento se apoderou o seu competidor Affonso Alvarez, que, simulando escrever em nome do Guardiãõ, respondeu ao Chiado preso.

Esta chistosa polémica entre o Chiado e o seu émulo é por muitos motivos curiosa, e revela mais uma vez a verdade do proloquio popular que diz: «O teu peor inimigo é o official do teu officio.»

Affonso Alvarez, o mulato, creado do Bispo d'Evora,

D. Affonso de Portugal, viera tambem para Lisboa, e era mestre de meninos.

Compunha Autos como o Chiado, e tinha como, elle, uma veia mordaz muito tençoeira.

Cultivava com exito o genero então em voga — a paremia — as sentenças conceituosas, em apodos aos costumes, aos vicios, aos ridiculos. São d'elle algumas composições satyricas que se podem contrapôr sem desvantagem aos *Avisos para guardar*, e ás *Parvoices que acontecem muitas vezes*, do nosso Chiado.

Haviam sido primeiramente amigos. Mas caçavam no mesmo terreno, e d'ahi o odio reciproco. A polemica foi rija. Em linguagem desbragada e insultuosa alludiam a baldas certas ou inventadas. Não poupavam injurias. Revolviam antecedentes de familia, escabichavam defeitos, traziam á luz vicios e fraquezas.

Affonso Alvarez, invectivando o Chiado, diz-lhe desdenhosamente :

Nascestè de regateira
e teu pae lançava solas :
d'onde aprendeste parolas
e os anexins da ribeira,
de que cá tinhas escolas ¹.

E o Chiado, retorquindo, diz a Affonso Alvares que a mãe fora padeira :

O quanto que fui sentindo
e descobrindo
para te dar por retorno :
tua mãe esteve em forno²

E chama-lhe mulato escuro, negrinho taibo, e marafuz. ³

Sendeiro, gallego, macho,
asno ruão salvaror,
goso de caça, uivador,
cavallo sem barbicacho,
cão de caça, trovador ⁴.

¹ *Obras do Poeta Chiado*, por Alberto Pimentel. pag. 182.

² *Ibid.* pag. 191.

³ *Ibid.* pag. 189.

⁴ *Ibid.* pag. 191.

São por vezes transparentes as allusões a factos da vida de cada um, e é por isso considerada essa polemica como um elemento precioso para a biographia dos dois antagonistas.

Dever-se-ha dar, porem, o desconto á indole peninsular, direi mesmo portugueza, dos poetas rivaes, indole que faz revestir qualquer pugna de palavra, da mais despejada linguagem, dos mais acerbos doestos, dos mais impetuosos insultos, avolumando as péchas, e, quando Deus quer, phantasiando-as.

Assim, Affonso Alvarez accusa o Chiado de baixos vicios contra a natureza ¹, de ser beberrão ², de viver á custa das taberneiras devassas da rua de S. Julião ³.

Em resumo, accusa o frade (se é verdadeira a hermeneutica do sr. Theophilo Braga) de se entregar á pratica dos sete peccados mortaes ⁴.

E, como se não bastasse atacal-o pelas suas ribaldarias, deixava adivinhar casos suspeitos de mollicie innatural, a par de proezas de rufianaz, e de mexilhão entremetido com as mulheres da Ribeira, e as raparigas tavanezas das baiucas populares. E põe a claro a sua origem humilde, referindo-se á mãe vendedeira e ao pae remendão.

N'uma resposta ás trovas que lhe fizera o Chiado atira-lhe entre outras a seguinte :

Assi que do sapateiro
não pode vir cavalleiro :
nem de regateira pobre
pode nascer filho nobre... ⁵

Não é nosso proposito trasladar na integra a curiosa polemica entre os dois desbocados dizidores.

Basta registar, que o antigo creado do Bispo d'Evora não poupava os doestos mais crueis ao clerigo da ordem seraphica, que havia desertado do mosteiro.

¹ *Obras do Chiado*, pag. 182 e 200.

² *Ibid.* pag. 181.

³ *Ibid.* pag. 200.

⁴ Theophilo Braga — *Escola de Gil Vicente*, pag. 55 e seg.

⁵ *Obras do Chiado*, pg. 195

Poderá por isso em alguns espiritos causar espanto encontrar um franciscano desfradado, um vagamundo folião, um tunante inquietador de regateiras, pavoneando-se na côrte de D. João III.

Poderá surprehender que um *bargante*, um poeta de fallas livres, seja admittido a fazer alardo das suas representações perante a sévera Rainha D. Catharina, a casta Infanta D. Maria e suas Damas, perante o Infante D. Luiz, espirito culto e largo mas em extremo devoto, e o mais que devoto, estreito de espirito Cardeal D. Henrique, n'esse meio em que a austeridade dos costumes e continencia na phrase contrastava tanto com as chocarrices e bufonarias do nosso Chiado.

Julgar-se-ha inverosimil que em presença de Bispos e do alto clero, do Nuncio, dos magnates e dos respeitadores da Egreja, de todos, emfim, os que trabalhavam ou tinham trabalhado para o estabelecimento da Inquisição, venha um desregrado monge estadear-se com as suas truanices irreverentes, e que seja acolhido com agrado esse de quem o Alvarez dizia:

Vosso habito e corôa
leixastes por coisas vis.
.....
que ereis tão irregular
á Ordem de S. Francisco
que todo o mundo a barrisco
no dissoluto peccar
vos tinha por basilisco ¹.

Como conciliar a opulencia, o luzimento, o esplendor de um serão joannino, em que a graça policeada da Renascença ia já limando as asperezas medievaes, com a exhibição d'uma farça, despejada na linguagem, representada por uma companhia de histriões recrutados nas classes inferiores de que o *empresario* (chamemos-lhe assim) auctor das peças, e interlocutor era o conhecido egresso do

¹ Obra do Chiado — pag. 174 — 175

mosteiro de S. Francisco, que já fôra preso e penitenciado no Aljube pela inobservancia da regra seraphica?

É que nem a pessoa do Chiado era apontada á excomunhão da Egreja, então ainda tolerante, nem as suas jogralidades eram subversivas, nem o acto de se desfradar tinha tomado a apparencia de uma revolta, mas apenas a manifestação sincera da sua falta de vocação para as praticas devotas.

Era o frade alem disso tão naturalmente folião, tão bonacheiramente amigo de folgar com as lograções feitas a incautos, com as peças pregadas a ingenuos, com os enganos urdidos maliciosamente em que fazia cahir os desprevenidos, que as suas façanhas o haviam feito querido do povo nas ruas, e apreciado dos grandes no Paço e nas casas nobres.

Os dizeres do Chiado, e as aneddotas em que figurava, eram passados de bocca em bocca, sempre com um riso de boa avença para com o endiabrado dizidor.

Nos centros da palraria lisboeta, ou fosse nas tardes tepidas do Rocio, onde os ociosos mexeriqueiros faziam esvoçar os seus boatos, e segredavam rugeruges apimentados; ou nas manhãs luminosas do Terreiro do Paço, emquanto os elegantes luzidos e os namorados com requêbros esperavam que nas varandas do Palacio passassem as Damas da Rainha e as Donzellas de Camara, que regressavam da Capella, rebuçadas em seus manteus enrocados; ou fosse nos liminares das lojas da Rua Nova, quando os mercadores vinham desfadarse da faina diaria, ou ainda nos formigueiros populares da Ribeira entre as vendedeiras de padinhas do Alemtejo, as proezas e gaiatices do Chiado contavam-se entre frouxos de riso e eram escutadas com exito e gaudio.

Lembrava um aquella aposta arriscada, que elle fizera, de açoitar em plena rua um alentado vinagreiro que ia passando com a sua mula á arreata carregada com dois ôdres de azeite repletos, aposta que ganhou conseguindo que o vendedor ambulante segurasse um ôdre em cada mão e se achasse assim impedido, com receio de ver esvaír-se o

liquido, enquanto o Chiado o fustigava rudemente entre os apupos do rapazio e as vaias das senhoras visinhas.

Contava outro a partida feita a uma regateira a quem comprara um peixe por sete reis e meio, pois ella lhe havia declarado que por aquelle preço só se o tomasse «com um trapo quente». E elle, pegando na palavra, foi buscar um trapo quente, e com elle tomou o peixe apetecido.

Referia outro como, falto de escrupulos mas de fertil imaginação, não desdenhava de recorrer a expedientes menos correctos, para expoliar as victimas que cahiam nos ardis artificiosos. Usara até por vezes d'aquelle processo a que hoje chamam o *conto do vigário*, sem que o fito fosse roubar, mas apenas ludibriar os simplorios. Exemplo: aquelle provinciano a quem extorquiou o chapéu, a capa e sete tostões, dando-lhe uma carta para o parcho da freguezia do pobre homem a quem dizia:

João Pires do Outeiro
 Me deu a capa e sombreiro
 Sete tostões em dinheiro,
 E mais me dera
 Se mais tivera.

Passaremos em silencio outras que contavam d'elle, e entre ellas a carnavalesca e mal cheirosa proeza praticada em pleno Terreiro do Paço, entre uma roda de picões, que lhe perdoaram o atrevimento por vir de quem veiu ¹.

Era um typo popular, aceite em todas as rodas, e a quem

¹ A titulo de curiosidade copiamos d'um codice manuscripto existente na Livraria da Torre do Tombo com o n.º 1817 as seguintes anedotas referentes ao Chiado, conservando a orthographia e pontuação do original.

O chiado prometendo a hũa regateyra sete reis e meio por hum peixe que valia muito lhe dyse a regateyra por escarneo tomaloeis com hum trapo quente.

E elle dissimulando, buscou hum trapo quente e pegando no peixe com elle lho tomou e auerigoado o caso por iustiça se achou que fora bem tomado com lhe dar os sete reis e meio.

Sendo o dito Chiado frade franciscano lhe poserão hũa tijella de caldo de lentilhas e não vendo elle mais que hum grão de lentilhas no

se toleravam com indulgencia as mais extravagantes phantasias.

Não que elle tivesse os privilegios dos bobos sobre os quaes se estendia a complacencia dos Reis e dos Grandes e que gosavam da impunidade nascida das condições de irresponsabilidade intellectual e moral.

Não!

Era antes uma especie de jogral medievo trazido para o seculo XVI, um segrel plebeu, um meio termo entre os *cazurros* das eras *affonsinas* e *dionisianas*, destinado a entreter o povo nas praças publicas, e os *mómaros* que, com seus arremedilhos, enchiam as seroadas dos castellos. Era o descendente espiritual dos *inventores* das facecias burlescas da antiga Roma, ou dos *morólogos* — os loucos com juizo — que proferiam sentenças moraes.

fundo da tijella se começou a despir, dizendo que a queria tomar de mergulho.

Tão bem hum Pregador loio leou comsigo hum loio lunatico por companheiro a hum orago dos franciscanos e pondo lhe na mesa traussa caldo de lentilhas deu a lua ao lunatico e começou a gritar olhando para as lentilhas da tijella. traime la aqueles mouros.

Apostou que hauia de fazer suas necessidades entre huns des ou dose piquoes que estauão a roda no terreiro do paço e indo sse a elles como que fogia a iustiça lhe disse que o encubriçem com a roda por espaço de dous ou três credos, e fazendo o elles todos assi se leuanto elle fugindo, e acolhendosse, se acharão elles cercando o monte. que elle deixou.

Apostou que hauia de açoutar hum vinagreiro que leuaua em hũa mula dous odres pella rua de Lixboá e fazendo que o queria prouar lhe fez desatar hum e provando delle disse ao vinagreiro que desatasse o outro pera ver se hera o mesmo enquanto elle tinha mão do que estaua desatado e fazendo-lhe pegar em ambas as bocas desatadas como que queria acudir a outra cousa lhe cortou a ataca e o açoutou sem o outro ousar a largar os odres que tinha abertos em cada sua mão.

A hum Villão que foi comprar trigo a Lixboa disse que em hũa mão que ali estaua tinha trigo de hum seu irmão a vender que desse o dinheiro e que logo a sua vista lho mandaria dar e dando lhe o villão o dinheiro o mandou subir e aduertindo o que não fosse sujar a capa ao nauio e dizendo-lhe tambem o mesmo outros com quem o Chiado se entendia sobio o villão e elle se lhe acolheo com o dinheiro capa

E como tal era admitido, chamado até, á aula regia, para desenfado da Côrte, como demonstra este Auto.

Irreverente? Irrespeitoso?

Era-o talvez. Mas muito mais nas intenções e na linguagem, o era Gil Vicente, e todos o applaudiam e se delectavam ouvindo os seus apodos, as satyras, os dicterios picantes e mordazes com que crivava personalidades e até instituições.

E' que a Côrte portugueza, embora severa nos seus costumes, é que o monarcha, embora accusado hoje de fanatico e intransigente, é que a propria censura que já funcionava desde algum tempo, é que os revedores da Inquisição, que cortavam e emendavam muitos trechos das obras do comedigrapho, tinham ainda assim um espirito largo, e um criterio intelligente. Muito mais intelligente e muito

e sombreiro e os outros lhe não quizerão dar trigo sem dinheiro e derão lhe hũa carta dizendo que hera de excomunhão que o Chiado lhe lançou antes de fogir a qual o villão fez publicar ao seu cura e dizia assi João pirez do outeiro me deu a capa e o sombreiro e sete tostois em dinheiro e mais me dera, se mais tiuera.

Não tendo que iantar hum dia fingio que hera grande amigo do Pay de hum moço que via estar comprando hum pouco de peixe e conuidando o moço o fes ir com o peixe pera hũa certa parte onde lhe fes por o peixe e que entretanto fizesse tal cousa, e acolhendo se lhe com o peixe o deixou em branco.

O Chiado mandou vender por hum rapaz hũa pouca de sujidade em hũa panella e dizia o moço, quem merca isso e querendo alguns ver o que hera pera comprar diziao ao moço isto he caca, respondia elle muito agastado, não he senão isso

.....
 entrando huns ladrões em casa do Chiado lhe tomarão todo o bom que nella acharão perante elle e se forão, e o Chiado sem lhe dizer palaura algũa tomou as costas o mais que ficou e se foi apos elles e elles perguntando-lhe pera onde ia lhe respondeo mui confiado venho ver pera onde nos mudamos. Donde leuados da graça lhe derão do que lhe tomarão.

O Chiado vendo huns poucos de mancebos que estauão zombando a porta da See em Lisboa, eu tomara ser Bispo, eu tomara ser Papa, eu tomara ser Rei etc. chegou-se a elles e lhe perguntou dizendo, e sabeis vos o que eu tomara ser? e respondendo elles: Dizej, disse: eu tomara ser mellão pera me beiiardestodos no cu.

mais largo que o d'algumas democracias chamadas liberaes, nossas contemporaneas.

* * *

E' curioso registrar o apparecimento ou a quasi coexistencia, n'esse seculo xvi, tão fertil em tudo, de trez monges chocarreiros irreverentes e bufões, que deixaram um rasto luminosamente alegre em cada um dos paizes onde as suas musas facetas tiveram voga.

Rabelais em França, Folengo em Italia, Skelton em Inglaterra, arregaçando impudentemente a sotaina monachal, trazem á humanidade, com as suas veias hilariantes, notas ineditas no riso, e processos gaiatos de demolir.

O cura de Meudon com o seu *Pantagruel*, Merlin Coccoão com as *Macaronices* fazem coegas nos sovacos dos seus contemporaneos, ao passo que Skelton em Londres, com epigrammas atrevidos e rimas joviaes dá piparotes nos narizes do clero, atacando principalmente o faustoso Cardeal Wolsey, seu inimigo e perseguidor.

Este frade de costumes licenciosos, que tão pittorescamente cantou a *alewife* — a taverneira ¹ — no poema celebre *The tunnyng of Elinore Rummig*, exalta e proclama, com as suas poesias libertinas, os prazeres sensuaes, o vinho e o amor carnal, a mesa e o leito, a alegria dos banquetes e a belleza physica das mulheres. Por o sentir truão de talento, o Rei Henrique VIII perdoa-lhe as fraquezas, e o cynismo erudito com que doira as balas que arremessa. Mas não o admite na côrte. Elle então publica a famosa diatribe « *Why come ye not to court?* » — « Porque não appareceis na côrte? »

Na celebre satyra com este titulo, em que o clerigo, simultaneamente philosopho e grotesco, atira contra Wolsey acerbas invectivas, o sapateiro Colin Clout (ou, para melhor dizer, o proprio Skelton) responde á pergunta,

¹ O nosso Chiado tambem fez o Auto das Regateiras e comprazia-se na companhia das taverneiras da rua de S. Julião.

attribuindo a sua exclusão do Paço á influencia nefasta do Cardeal favorito sobre o caprichoso Rei.

Em Portugal, onde reinava um soberano tão differente de Henrique, o artista e dissoluto que foi um grande Rei, mas que foi cynico, cruel, devasso e anti-catholico, em Portugal D. João III, severo, religioso, accusado mesmo de fanatico, não só tolerava, mas chamava aos seus serões Gil Vicente, e o Chiado. Não deixa de ser notavel o parallelo.

N'um estudo anterior ¹ já nos occupámos da apparente contradicção entre a severidade da Côrte e as liberdades tomadas pelos auctores de peças theatraes e pelos representadores e figurantes, que perante ella se exhibiam.

E se essas liberdades eram grandes relativamente á critica dos costumes, não parecerão menores quanto ás rudezas de linguagem, e emprego de palavras indecorosas.

Quem hoje lê as obras de Gil Vicente, do Chiado, e de mais comedigraphos e poetas quinhentistas, fica surprezo pensando como nos ouvidos pudicos das senhoras, matronas ou donzellas, dos graves Prelados, e dos homens sisudos e circumspectos soariam os palavrões, as obscenidades, as referencias sem rebuço a actos physiologicos, o despejo de lingua, emfim, hoje inadmissivel até mesmo nas rodas menos policeadas.

E entretanto, nenhum espanto deve merecer o contra-senso apparente.

Assim como a ideia do ridiculo, assim como o mechanismo da graça, da jocosidade, do chiste, variam com a evolução das sociedades; assim como a significação e o valor dos vocabulos mudam com a transformação lenta da lingua, assim como a disciplina ecclesiastica se vae modificando conforme o modo de ser da collectividade nas suas relações com o mundo, assim tambem o sentimento do pudor se desloca ao sabor das correntes intellectuaes, ou religiosas, sentimentaes, ou estheticas, e mesmo chega a dobrar-se em obdiencia a exigencias da moda caprichosa.

¹ *Auto da Festa.*

Aquillo que aos nossos antepassados causava riso, e era motivo de galhofa, deixa-nos hoje ás vezes frios e insensíveis.

Não attingimos o espirito de certas pilherias que fizeram rir ás escancaras nossos avós e tios, e pasmamos como alguns auctores adquiriram fama de irresistiveis no comico e no burlesco.

Mostrar o pé á descida d'um côche era no nosso seculo XVIII quasi uma desvergonha, que desacreditava a scia que tal se permittia. É comtudo o decote descia ás vezes a regiões inverosimeis. Hoje as saias e vestidos das nossas contemporaneas mais sisudas acabam muito acima do ar-telho, sem que a pudicicia e a castidade se offendam.

Palavras ha tambem cuja significação em poucos annos se transforma de modo, que chegam a perder na nossa memoria a primitiva significação.

Assim por exemplo o vocabulo — Thalassa! Thalassa! que ainda ha pouco significava — o Mar — e fazia recordar a exclamação dos gregos, quando chegados ao Ponto Euxino, é hoje, em virtude de uma evolução rápida, synonymo de homem que não se conforma com o regimen republicano em Portugal.

Fallando do clero em qualquer sociedade bem educada, por pouco acatador que se seja da Egreja Catholica e dos seus ministros, ninguem hoje entrará a discorrer nos termos em que o faziam os auctores dos Autos quinhentistas acerca dos vicios dos conegos da Sé, das amantes dos Bispos, das alcoviteiras dos clerigos, e tudo isto dirigindo-se á gente mais seria e mais recatada.

Ninguem tambem se atreveria hoje a pôr em scena, ainda mesmo perante um auditorio pouco escolhido, dois personagens, tendo um para o outro replicas como o Chiado, no Auto que se vae ler, põe na bocca do *Dono da casa*, quando falla ao actor que se se queixa de t'er ficado um interlocutor lá fora (verso 139 da transcripção); ou uma figura feminina, empregando expressões como as que n'este Auto a *Velha* usa, dirigindo-se aos musicos (versos 893-894).

E ainda assim este Auto é dos que menos cruzeiras de linguagem apresenta!

Não deve portanto ser motivo de estranhezas a rude maneira, a grossaria no dizer, com que os personagens do Chiado fallam perante a sociedade mais polida e requintada da Europa.

O frade devasso, pisando a scena, passava a ser um histrião commum, um elemento de prazer, um instrumento de que se usa, mas que não se estima nem considera.

E emquanto á sua linguagem, essa era a corrente na litteratura, na arte, na vida quotidiana d'aquella epocha, sobre a qual despontava então o sol vindo das bandas de Italia com a eschola nova, o petrarchismo annunciador da Renascença, e a poesia balbuciada pelas musas de Sá de Miranda e de Camões.

III

O Poeta

Que cathegoria tem na litteratura quinhentista o poeta Chiado?

Qual a sua gerarchia intellectual? Como foi apreciado no seu tempo e pela posteridade?

Se é permittido estabelecer graduações na escala dos engenhos, empreza sempre arriscada, podemos affirmar que entre os astros de segunda grandeza, elle foi dos mais notaveis e dos que mais foram animados pela fama.

Foi grande o caso que delle fizeram os seus contemporâneos, e não só gozou da estima da multidão anonyma que ria das suas facecias, e da turba impessoal que o applaudia nas praças, nos Côrros e Pateos de Comedias, mas foi consideravel o predicamento que teve junto dos grandes e illustres.

Camões, primeiro entre os maiores, consagra-lhe a fama (tal é o prestigio do épico), n'uma simples phrase.

Quando fez representar no pateo de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues reposteiro de ElRei D. João III, o *Auto de ElRei Seleuco* põe na bocca de um escudeiro, que entrava no Prólogo, a seguinte referencia:

«Aqui me veio ás mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa: que uma trova fal-a *tão bem como vós, como eu ou como o Chiado*».

Serem assim tomadas as suas trovas como typo da graça

e do chiste perante uma assemblea illustre por Luiz de Camões é receber uma investidura de fidalguia litteraria.

Essa referencia demonstra tambem ser já geralmente conhecida a veia satyrica do frade verzejador.

Egualmente o confirma a citação de uma quadra sua feita por Jorge Ferreira de Vasconcellos na comedia intitulada: *Aulegraphia*.

O hespanhol Xarales é troçado, e respinga

«XARALES: A lo menos no soy tan necio como vosotros.

D. GALINDO: Ah deshumana cegueira,
que trago os olhos quebrados
quebrados para cobrar
todos os gostos passados.

XARALES: Tomá por allá, que concierto de razones!

D. RICARDO: Isso hé vosso?

D. GALINDO: Senhor, não. Hé do escudeiro Chiado.

D. RICARDO: Em algumas cousas teve vêa esse escudeiro.»¹

Se as palavras de Camões exaltam, as de Jorge Ferreira confirmam a nomeada do poeta Chiado.

Posteriormente Soropita, referindo-se ás mediocridades litterarias consola-se recordando: «basta para elles o Chiado que lhes soube assentar as costuras». E o jesuita Francisco da Fonseca na «Evora Gloriosa» chama-lhe *celeberrimo* acrescentando que «foi de facetissimo, e lepidissimo génio e de singular agudeza de engenho».

Tambem o Padre Antonio dos Reis no seu *Enthusiasmus poeticus*, diz: «Azevedo simul lepidido comitante Chiado.»

Finalmente, Barbosa Machado considera-o dizendo:

«Modernamente, embora as obras do Chiado fossem pouco conhecidas, a fama de poeta jocoso vinha acompanhando na tradição o nome d'aquelle que deu o nome á rua mais concorrida de Lisboa.»

Quando d'elle fala o nosso Visconde de Castilho diz com justiça: «Sim! Sim! Foi o velho Chiado (está-se a perceber) uma figura muito individualisada, muito característica,

¹ Comedia *Avlegrafia*, feita por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Acto quarto, fol. 126.

na turbamulta dos poetas menores. Se metrificava mal, imputemol-o ao seu tempo bárbaro; inda assim rimava com certo apuro, tinha movimento, tinha graça e, em summa, se mais não fez não foi por mingua de talento.»

D'elle se tem occupado alguns escriptores, entre os quaes o Dr. Theophilo Braga que consagra um capítulo na obra *Eschola de Gil Vicente, ao gracioso poeta dramático*.

Quem no entanto tem estudado mais carinhosamente e com meritorio cuidado o Poeta e a sua Obra é o Snr. Alberto Pimentel que primeiramente em 1887 publicou um volume ácerca d'este auctor e da sua biographia, dando á luz trez dos seus Autos, e outras obras meudas. E posteriormente accrescentou este estudo com um folheto contendo novas investigações.

Na primeira d'estas obras vae o Snr. Alberto Pimentel buscar elementos para recompor a vida do Poeta não só aos auctores precedentes, principalmente em Barbosa Machado, e Cunha Rivara, mas tambem aos versos da célebre polémica entre o Chiado e Affonso Alvarez, que meritoriamente trouxe á luz.

E' a mais abundante e engenhosa biographia do poeta que existe, ainda assim muito incompleta porque não é possível encontrar noticias exactas ácerca da maior parte da sua vida, profissão, vinda para Lisbôa, prisão no Aljube, viagem a Hespanha, etc., etc.

Entretanto estão muito engenhosamente exploradas as estrophes — quintilhas ou sextilhas — com que durante aquella rija querella os dois contendores se disputaram, arremessando se, de envolta com rimas soantes, injúrias e doestos, referencias à origem de cada um, a baldas certas, e a vicios inconfessaveis.

N'esta obra o Snr. A. Pimentel trata cuidadosamente de averiguar se foi o Poeta que deu o nome á rua em que habitou, ou se a rua tinha esse título e o transmittiu ao seu habitador.

Pela bem deduzida argumentação, confirmada depois no folheto, chega-se á convicção de que o Poeta já tinha aquella alcunha e que d'elle a recebeu essa rua do Chiado que

pela mal inspirada iniciativa de outro poeta, aliás com excellente intenção, passou a chamar-se — Garrett.

Essa mudança foi uma especie de offensa gratuita ao poeta quinhentista, e tambem para o poeta romantico parecerá desprimorosa a teimosia com que nós todos continuamos a dar o nome de Chiado á arena da tafularia Lisboaeta.

Em seguida o Snr. A. Pimentel, analysando as obras que na segunda parte publica, manifesta a grande dilecção que o Poeta lhe merece, chegando a confrontal-o com Gil Vicente, tanto na vêia cómica como no lyrismo. «O nosso poeta, diz elle ¹, tem grandes affinidades litterarias com Gil Vicente, de quem foi contemporâneo. Todavia a nosso juizo, é-lhe muito inferior, não só em fecundidade como na traça das composições. Em vêia cómica Chiado e Gil Vicente não se distanciam muito. Em qualquer d'elles a jovialidade descae frequentemente na obscenidade jogralistica; mas tambem ambos se etherisam a espaços em lyrismos de maneiroza delicadeza.»

No excesso do seu valimento chega a apontar uma quintilha do poeta que lhe fez recordar uma passagem de Camões.

E' illusão explicavel em quem, pela intimidade dilatada que teve com o comediographo, se lhe affeioou de modo que, segundo no seu folheto confessa «² está sempre prompto a combater de ponto em branco pela gloria e belleza de suas producções, quando apparece algum zoilo a menosprezal-as com azedume.»

Não serei eu esse zoilo que vá a provocar o extremoso defensor do Chiado. Tanto mais que me merece tambem sympathia a musa gaiata do galhofeiro bardo, e me desperta curiosidade o seu labor litterario.

Não me deslumbra já se vê como Camões, inconfundivel no seu génio épico, e tanto ou mais ainda no seu estro lyrico, nem me assombra como Gil Vicente nas múltiplas

¹ Alberto Pimentel — *Obras do Poeta Chiado*, pág. xlii.

² A. Pimentel — *Novas investigações*, pág. 15.

facetas do seu engenho, ora observador, ora inventivo, ora enternecedor, ora gracioso, mas sempre original — amplo museu de curiosidades, *bric-à-brac* das letras e repositório de usanças e costumeiras; mas, se não o considero primordial na constellação fulgurante em que figura, reputo-o comtudo das mais interessantes individualidades litterarias d'esse período.

Entre os *poetas menores* d'aquelle fecundo seculo a inspiração que o anima é mais jovial que a de Antonio Prestes, mais original que a de Balthazar Dias, mais humana (ia quasi a dizer mais burgueza) que a de Affonso Alvarez.

Os assumptos das suas peças theatraes são episodios da vida quotidiana; os seus typos são, como tambem alguns das farças de Gil Vicente e de Antonio Prestes, gente com quem o espectador conviveu. Às vezes elle proprio espectador se reconhecia em alguns dos personagens que se moviam sobre o tablado.

No que não é theatro, as suas producções — ou sejam os *Avisos para guardar* — ou as *Parvoices* — ou os *Lettreiros*, são um compendio de philosophia de bom-senso, de sátyra dos costumes, um agglomerado de conceitos que revela uma singular visão da alma humana com os seus vicios, as suas virtudes, os seus ridículos, e as suas eternas fraquezas.

A linguagem é rude (talvez propositadamente) em muitos pontos obscura, tanto em verso como na prosa, e talvez mais n'esta por serem as ideias retorcidas ao sabor da moda, e por estar no seu tempo pouco fixada a grammatica. Entretanto muitas das obscuridades que nos tornam por vezes inintelligíveis algumas passagens dos seus Autos provêm principalmente da nossa óptica actual; do criterio em que nos collocamos; da ignorancia em que estamos de factos a que allude, e do glossario coevo, que desconhecemos ou a que não estamos affeitos.

Circumstancias mesmo de ordem material augmentam as difficuldades na interpretação, e prejudicam a clareza do texto, como a deficiencia e mau emprego da pontuação, o descuido dos typographos, que, por falta de revisão

deixam persistir erros imperdoáveis, e até mesmo essa composição feita sem arte, e sem obedecer ás regras do officio, de maneira que não ha divisão de estrophes, e por vezes na mesma linha estão confusamente arrumadas a designação do personagem e a indicação do que elle diz.

Olhe-se, por exemplo, para os primeiros versos d'este Auto no nosso *fac-simile*. Á primeira vista são inintelligíveis.

Rectificando, porem, a composição, logo se entende o diálogo entre o *Dono da casa* e *Almeida, seu moço*.

Creio ser esta compressão de materia devida a querer o editor fazer caber todo o Auto nas 16 páginas da folha, que constitue o *pliego* ou folha volante.

Estas e outras considerações me decidiram a tentar a transcripção que adeante vae, desfiando a trama compacta do texto impresso em caracteres semi-gothicos, alguns bem gastos; collocando em separado dos dizeres o nome dos personagens que os pronunciam, (pois que ás vezes no corpo do verso estão introduzidas essas indicações scenicas); semeando a ponctuação, apropriada ao sentido, nos períodos do texto e nas palavras empregadas, (faltam pontos, vírgulas, pontos de interrogação e outras fórmulas gráficas destinadas a dar significação propria aos vocábulos e orações) separando as estrophes em quintilhas, quadras ou sextilhas como o auctor com a sua arte rude as compoz. Com estes e outros artificios espero ter facilitado aos curiosos a leitura do Auto, onde, á falta de commoção dramática e enredo engenhoso, encontrarão comtudo materia interessante para o estudo dos costumes theatraes d'esse período, e motivo de entretenimento intellectual.

Para aquelles que já conhecem as outras obras do comediographo será um complemento de estudo e regalo, em seguida á leitura da *Pratica das oito figuras* com as discussões entre o fidalgo e os moços; das scenas caracteristicas da vida popular no *Auto das Regateiras*; e das disputas conjugaes na *Pratica dos Compadres*.

Em qualquer d'estes revela o Chiado a influencia que no seu espirito exerceram as obras theatraes de Gil Vicente.

Typos, situações, e modo de versejar a cada passo nos recordam o seu modelo. Mas não quer isto dizer que seja um imitador subserviente. Tem personalidade, tem observação própria no modo de fazer sentir e expressar as figuras que expõe; com o conhecimento dos ridículos da vida da burguezia, e do povo, dá pittoresco ás scenas que apresenta.

Como factura litteraria, qualidades de estylo, e de metrificacção, não é peor nem melhor que os da sua eschola em que todos, na phrase de Soropita, aproveitaram a *varredura* de Gil Vicente. Assim como Balthazar Dias, Affonso Alvarez, Antonio Prestes, e os outros, adoptou o verso octonario da redondilha popular e a forma estrophica de quatro, cinco e seis versos, com rimas varias. O proprio Camões versejou assim nos Autos.

O Chiado se não tem a riqueza lexicológica de Antonio Prestes, tem comtudo graça e propriedade no dizer, e nos seus versos encontram-se modos, usos, vocábulos, phrases características, que são precioso elemento para o estudo da epocha e da lingua.

IV

O Auto

No Auto que nos occupa, e que foi composto no período mais intenso da sua actividade artística, prendem nos a atenção não só considerações de ordem philologica, mas indicações de outra especie de interesse. Encontramos n'elle alem de uma bôa dose de proverbios, locuções, e formas de dizer, noticias curiosas ácerca da vida theatral, condições scenographicas na representação de Autos n'aquelle período, o conhecimento do theatro nos outros paizes, e, o que é mais para apreciar, o conceito que o auctor fazia da sua arte, e da obra theatral que se chamava — *Auto*.

Vemos, por exemplo, que em certas casas particulares, e, não só nas nobres, como as dos condes de Vimioso, do Redondo, de Linhares, mas tambem nas da classe media, havia representações, em que as companhias — isto é os dizidores de *dictos* (papeis) corriam de domicilio em domicilio, levando a sua Farça — o seu Entremez, as danças, folias, tramoias e mais coisas de folgar para divertimento e passatempo das familias, dos convidados, e até dos intrusos. Logo no começo d'este Auto, vemos que o *Dono da casa* interroga com impaciencia o creado para saber se os comediantes chegam ou não, ao que o creado responde que :

«o haviam de fazer
em duas casas primeiro.»

Vê-se também qual a hora de representação :

«e que se fará ás dez
até ás onze o mais tardar.»

Dá-nos igualmente conhecimento do elenco de uma companhia de comediantes que vinha á chamada do *Dono da casa*, personagem que também apparece no theatro de Gil Vicente e no de Camões ¹.

N'essa companhia vemos : o *auctor*, especie de empresario, que se faz acompanhar do *representador*, figura que ordinariamente declamava no Prólogo a explicação ou argumento, e dos outros *interlocutores* que devem entrar no Auto.

Dono da casa :

«Que é das figuras? Vêm já ?

Auctor :

«Aquí estão; não podem entrar.

Dono:

Porquê ?

Autor :

Não lhes dá lugar.»

Essa companhia trazia os seus fatos e adereços n'uma canastra em que transportava tudo.

Se passamos agora dos actores para o auditorio também este Auto nos suggere indicações valiosas. Alem dos convidados, batiam á porta forçando a entrada, pessoas desconhecidas e de pouca consideração : *matantes* que é o mesmo que dizer fadistas, rufiões, e outros d'esta laia invadiam a habitação em despeito do *Dono da casa*. Este recebe-os de mau grado, e a si proprio se censura dizendo :

«assaz como esta da traça
fazer eu da casa praça
pode ser mór parvoice.»

Curiosa também é a nota indicadora do preço que custava ouvir um Auto :

«Oh sandia opinião
que vou eu dar d'ante mão
dez cruzados por ver Auto.»

¹ Vid. Auto de El Rei Seleuco — Auto da Festa — etc.

E' de crer que esta quantia fosse para pagar toda a companhia, pois é o *Dono da casa* que falla, e não seria possível que cada espectador (convidado) fosse obrigado a pagar o seu lugar por esse preço de dez cruzados, quantia importante para esse tempo.

Não é menos digna de attenção a crítica que em mais de um ponto da Farça o Chiado faz á mania de quem tinha na propria casa Autos e representações. Logo o *Dono da casa* se mostra agastado com a demora na chegada dos figurantes, que andam por outras habitações representando as suas comedias.

Depois apresenta-se contrariado com a invasão da propria residencia, e dos assaltos d'aquelles que, sem convite, querem gozar o espectáculo, e acha-se embaraçado com as difficuldades de accomodar todo o auditorio.

Diz-lhe um :

«Senhor hão-se aqui mister
duas cadeirinhas rasas»

e outro queixa-se de faltarem lugares :

«Mandae logo levantar
dois de trinta que ahí estão
que merecem estar no chão.»

e o *Dono da casa* afflicto :

«Sus! Senhores, arrimar
cada um tome o seu logar.»

E entre parenthesis convem notar que n'estas funcções familiares uns assistiam sentados em cadeiras, outros no chão, outros ainda iam para o *estudo* ou seja o escriptorio do *Dono da casa* :

«Onde nos assentaremos?
Venham para o meu estudo.»

Do mesmo modo actualmente n'uma representação de amadores em casa particular, muitos dos convidados assistem ao espectáculo nas portas das salas contiguas.

A final, depois de todas as peripecias com a arrumação

começa o *Representador* a sua falla; mas são tantos os embaraços, as interrupções, e até uma pateada (vide rubrica que diz: *aqui batem com os pés os matantes*) que esse *representador* decide dar por findo o seu papel, o que justifica pittoresca falla do *Dono da casa*: (v. 563 a 587).

«Auto é não terdes pazes
com matantes com rapazes
com embuçados em casa
é uma deshonra rasa
que só entendem capazes.

Soffrer Auto é cousa feia
porque é estardes em caldas
vel-o hei em casa alheia
sobre muito boa ceia
posto em cadeira de espaldas.

Auto entre trinta amigos
ou cento soffrer-se-ha
mas outros de entrarem lá
com quebrar portas postigos
este tal não servirá.»

Severa licção, como se vê, aos que gastam dinheiro e turvam o seu socego dando festas em propria casa, mas que não deixa de ser extravagante ouvida da boca de quem aproveitava com as mesmas, visto ser auctor d'Auto e figurante n'elles.

Curioso é também o esboço de critica, applicada a si proprio que o *Chiado* nos dá, (versos 941 a 978), pela bocca de Ignacio Matheus.

Se bem interpreto a aravia do Poeta elle assemelha os Autos aos melões, de que uns são *bons*, outros *ruins*. Ora em sua opinião trez coisas ha que não devem ser *razoadas*, ou discutidas, por se deverem impor pelas proprias qualidades: Autos — Sermões — e Melões. O Auto que acaba de representar-se (*Farça-singella*, lhe chama elle) teve, é certo, algumas passagens enfadonhas, mas embora não seja o cume da perfeição

«todavia tem chorume
de discreto e natural;»

como quem diz: tem espirito, tem graça, tem agudeza nos conceitos e é natural.

Não é, accrescenta elle, como os de outros *coprantes*, (os que compõem ou recitam coplas, isto é, quadras em versos octonarios) que julgando-se versejadores perfeitos *trazem os consoantes pelos cabellos*, dando tratos de polé ás rimas, e estropiando o metro por tal forma, que só com um *calçador* e muito trabalho conseguem compor o verso.

Não deixava o crédito por mãos alheias o bom do Chiado, e aproveitava, como se vê, a occasião para ferrar o dente nos collegas, *coprantes* ou *copradores*. E é só por uma affectada e apparente modestia que elle, terminando, diz:

«Mas todavia foi rasa
a obreta de respingo.»

Quem com cuidado espiolhar esta *obreta de respingo*, a que o vulgo chamou «*Auto da Natural invenção*» ainda extrahirá d'ella muitas outras curiosidades, colherá noticias de costumeiras genuinamente portuguezas, saboreará locuções pittorescas, recolherá vocábulos perdidos pelas malhas do tempo, e remoçará modismos hoje enferrujados e carcomidos pelo uso.

Os philologos encontrarão n'elle materia para avaliarem a dynâmica da grammatica do idioma, então ainda hesitante; os homens de letras poderão apreciar os processos usados no manejo da palavra, n'esse período, em que a lingua ia evolucionando para uma phase mais polida; e qualquer investigador topará com achados valiosos para a ethnologia, e para o estudo d'esse ramo do saber humano, que modernamente foi baptisado com o vocábulo bárbaro de *Folk-lore*.

E se alguém, ao ler este Auto, sentir a mediania de engenho, que muitos encontram no Chiado quando o approximam do seu modelo, acharão compensação na somma de pittoresco que a obra encerra.

Natureza do Auto

Na sua estrutura bastante se assemelha este Auto, conforme veremos, a muitos dos seu congeneres — os de Antonio Prestes, Affonso Alvarez, e, dado o devido desconto, aos do maior que todos — Gil Vicente.

No que vamos ler, como em quasi todos os outros, a fabulação, aquillo a que modernamente se chama a intriga, é quasi nulla.

Uma serie de pequenas scenas com fragil ou nenhuma connexão entre si; uma enfiada de dialogos, ou de fallas entre personagens, que entram e sahem da scena sem d'isso haver uma explicação, que illuda o espectador, tornam esta especie de peças theatraes muito semelhante ás modernas *Revistas*.

N'umas e n'outras o *Dono da Casa* desempenha o papel de *compère*, e serve para dar uma apparencia de unidade á acção dramatica.

N'umas e n'outras entram interlocutores tractando assumptos diversos, e fazendo reflexões allusivas a factos politicos, scientificos, sociaes ou da côrte.

É por isso que são para nós obscuros muitos dos trechos d'este Auto, e de quasi todos os do seculo XVI e começo do seculo XVII, como serão para quem ler, d'aqui a trezentos e tantos annos, muitas das scenas de revistas que actualmente se representam.

Empregam hoje os auctores d'estas peças termos de *ca-lão* e vocabulos cuja significação é nascida em acontecimentos de passageira actualidade, que, passados poucos annos, perderão o significado, e se despirão dos seus conceitos agudos.

Assim, no Auto que analysamos ha palavras e phrases que alem de archaicas, são obscuras por alludirem a casos que ignoramos completamente.

Outros pontos de semelhança nos offerece este Auto com as modernas Revistas, taes como a successão dos quadros; a communicabilidade quasi familiar entre os espectadores e os actores, a preferencia dada á critica dos acontecimentos desprezando as situações dramaticas, ou o enredo amoroso.

Apenas se falla em todo este Auto vagamente no casamento de dois personagens, e por signal que a censura ecclesiastica no seu Index expurgatorio de 1624 manda riscar seis versos (desde 680 a 685) que lhe pareceram inconvenientes.

Egualmente na scena (versos 364 a 437) em que o Ratinho e o Villão Duarte fazem reciprocamente as suas confidencias ha uma allusão a seus amores, isto é á affeição que ambos dedicavam á filha do Sapateiro, mas logo mudam de assumpto. O frade era fraco apreciador do coração feminino.

A mulher para elle é um ente inferior, que na vida real só pode dar motivo a arrelias e desprazeres. Dona de casa gastadora, escrava mandriona, rapariga enredadora, vizinha invejosa, comadre bisbilhoteira, velha arrenegada, são os typos aproveitados pelo comediographo. E portanto no theatro ou nas suas sentenças as figuras femininas são sempre tratadas com menos sympathia.

Na *Pratica de oito figuras*, em que, diga-se de passagem, todos os interlocutores são masculinos, trez d'elles o Ambrosio da Gama, Lopo da Silveira, e Gomes da Rocha, discorrem assim acerca de suas mulheres :

GAMA. Dê-nos cá de consoar
d'isso que por casa houver.

- LOPO. Serão mimos de mulher
que me não podeis negar.
.....
Senhor, não é para crer ;
é muito forte contenda
gastardes vossa fazenda
no que quer vossa mulher.
E, ainda para mais magua
são remás de contentar
Alexandras em gastar,
e demandam ainda mais agua.
- ROCHA. Se a minha despendeu
em gergelins e em bocados
quarenta cinco cruzados,
o que nunca se escreveu!
- GAMA. Á minha vão-lhe ensinar
outras como ella precitas
cousas que não estão escriptas ;
e então havei-lh'as de dar,
senão não viveis com gritas.
E' bem parvo e malhadeiro
quem não contempla esta mingua.
Poem vol-o mel pela lingua,
e gastam-vos vosso dinheiro.
- LOPO. Venhamos a conclusão ;
outro mal são hi ciumes,
são cutellos de dois gumes
da paz a tribulação,
- ROCHA. Soffrel-as é gran tormento
Dae as ao demo por suas
Se lhe contam pelas ruas ;
As mulheres deste tempo
d'ellas guardar, guardar ;
que são fino rosalgar ¹.

No *Auto das Regateiras*, o poeta Chiado, n'um dialogo da mais pittoresca bisbilhotice entre a *Comadre* e a *Velha*, quando fallam acerca das qualidades d'um futuro genro, põe na bocca d'esta os predicados d'um marido

- VELHA. Comadre, que vos parece
d'este que quer ser meu genro ?

¹ Obras pag. 42 43

- COMADRE. Comadre, manso e tenro
e doido se se acontece.
- VELHA. Não é macho nem capacho
nem é pão nem é fermento,
é parvo que tem por cento.
.....
- COMADRE. Casa logo Beatriz mal.
- VELHA. Entendei vós isso bem
quem casa com tal como elle
não casa com sua pelle
mas casa com o que elle tem.
Que o marido
não no queria eu sabido.
- COMADRE. E pois como ?
- VELHA. Rico e tolo
que visse a corna c'o olho
e perguntasse : Que é aquillo ? ¹

Na *Pratica dos Compadres* Vasco Lourenço, o marido de Brazia Machado a resmoneadora, com quem anda sempre em disputa, dá ao compadre para bem viver em casa a seguinte regra :

REGRA

Tua porta cerrarás
o melhor que ser puder ;
—tomarás tua mulher
com bom pau,
em que te tenham por máu;
não te dê nada de nada,
dar-lhe-has infinda pancada,
como em boi de concelho;
nunca tomes seu conselho ;
ainda que te releve
que tem a casa leve ;
em que seja Salomôa.
faze-a á sua custa bôa ;
—anda sempre sobre vela :
não fies a chave d'ella,
porque não seja senhora ;
não na deixes sahir fôra,
senão com tua licença.
que a mulher é pestilença
se lhe fazem a vontade. ²

¹ Obras pag. 61-62.

² Obras, pág. 106.

Basta de transcripções. Por esta se pode concluir que a psychologia feminina do antigo franciscano desfradado, era cultivada principalmente na convivencia das collarejas e padeiras frequentadoras das tascas da Alfama.

Desadorando a mulher, e só apreciando a femea, não pressentia o interesse que a paixão amorosa nos seus infinitos cambiantes havia de dar no futuro, como já havia dado na antiguidade, ás composições theatraes.

Esse defeito é commum aos dramaturgos d'aquelle período. A eschola vicentina no seu conjuncto é principalmente uma galeria de typos, um repositorio de costumes, um arcaz de usanças, um manancial uberrimo de tradições, mas raramente aproveita como elemento dramático as tempestades do coração humano saccudido pelas rajadas do amor sexual.

Ainda Gil Vicente, tanto nas obras de *devação* como nas outras, com o seu golpe de vista genial penetrou por vezes nas profundezas da alma, trazendo-a para o tablado em estrophes de puro lyrismo.

E Balthazar Dias, embora emparelhe com o Chiado, quando escreve as duas trovas satyricas — *Malicia das mulheres* e *Conselhos para bem casar*, tem, comtudo, sobre elle a vantagem de ter sentido o interesse dramático que dá á obra theatral o coração da mulher, como se vê nas queixas admiráveis de Sabina, no *Auto de Santo Aleixo*.

O Chiado, porem, desconhece esse filão, e vae buscar o interesse das suas composições ás peripecias da vida doméstica, ás discordias de casados, aos mexericos e enredos de comadres, ás reprehensões a creadas remissas ou a escravas resmungonas, e vae polvilhando o diálogo sempre com conceitos graciosos e proloquios cheios de bom senso.

A sua concepção de theatro é limitada ás peripecias da Farça, ou ás situações simples da Comedia. Recrear, fazer rir, apodar, são os intuitos do frade tregeitador. Os titeres que faz mover no tablado são intérpretes dos sentimentos medios que roçam apenas na alma dos seus espectadores. D'ahi o êxito entre os contemporaneos.

No *Auto da Natural Invenção* o fio dramático, como já dissemos, é muito tenue.

Tambem assim na *Pratica de Oito figuras* que, nas situações e episodios carece de enredo, e não tem unidade de acção nem epílogo propriamente dito.

Outro tanto succede com o *Auto das Regateiras* e com a *Pratica dos Compadres*, que formam uma sequencia de quadros da vida real.

N'este que vamos analysando, todo o interesse circula em volta do *Dono da Casa* que decidira fazer representar um *Auto* na sua habitação. Tem por creado um *moço*, personagem obrigado em todos os quadros da vida burgueza na eschola vicentina. E' uma especie de confidente e *malhadeiro* ou bode expiatorio das invectivas tambem proprias deste theatro.

O *Auto* não está dividido em scenas como no theatro moderno. Nós porem, para melhor comprehensão, tentaremos no capitulo VIII dar-lhe essa disposição, ordenando a economia das situações conforme as regras da technica adoptada.

VI

Razão do titulo

Foi chamada esta Farça : *Natural Invenção*.

Por que ?

Nem sempre no theatro dos seculos xvi e xvii a forma de dar titulos ás peças corresponde aos dictames que a moderna arte dramatica, ou a da antiguidade, impõem ao auctor para baptisar o seu trabalho, fazendo-o colher o nome ou no do seu protagonista, ou n'uma situação importante, ou n'uma these, ou n'uma phrase que caracteriza a obra. *Electra, Hamlet, Ruy Blas, Midsummer night's dream, Os espectros, La vida es sueño, Much ado about nothing*, para não citarmos mais, são outros tantos exemplos dos criterios varios, usados para nominação das producções de theatro.

Na eschola Vicentina não succede o mesmo.

Algumas ha cujo titulo não tem relação immediata, directa, ou apparente, com o assumpto.

Seja exemplo o *Auto de Festa* de Gil Vicente, assim chamado só por ter sido representado por ocasião do Natal, e a *Pratica das oito figuras* do Chiado por que n'elle entrou esse numero de interlocutores.

Outros existem que não são baptisados pelo auctor, mas pelo publico, que os viu representar. É d'esses a Farça de Gil Vicente — *Quem tem farellos?* que nas obras do comediographo traz a seguinte rubrica :

«Este nome da farça seguinte poz-lh'o o vulgo». E outra que na rubrica diz: Á farça seguinte *chamam Auto da India*.

É talvez o caso d'esta que estamos a analysar.

O poeta Chiado fôra convocado para representar um Auto na Côrte perante D. João III, como o fôra Gil Vicente para representar aquellas duas peças, uma em 1505 a El-Rei D. Manuel, e a outra á Rainha D. Leonor, em Almada em 1519.

A peça que o Chiado apresentou não levaria titulo. Fôra *inventada* para apparecer na Aula regia, e não para figurar no *Côrro* ou *pateo das comedias* nas Fangas da Fariinha annunciada em cartazes, que então ainda não os havia. Quando posteriormente figurou n'aquelle recinto de espectaculos, o publico recebel-a-hia com agrado, seguindo curiosamente os episodios conduzidos sem plano theatral, sem artificio com toda a *naturalidade* na *inventiva*, e d'ahi talvez o appellidal-o: de *Natural Invenção*, titulo que seria adoptado posteriormente quando o editor o deu á estampa.

Confirma esta supposição o dizer da Rubrica: = *chamado* Natural Invenção = como quem diz: filho espontaneo da engenhosa inventiva do Frade, um feliz producto da sua veia tão cheia de *naturalidade*.

Uma hypotese?

É certo.

Mas se a historia d'este Auto é tão desconhecida, que até um escriptor — Nicolau Antonio — na sua *Bibliotheca Scriptorum Hispaniæ*, ignorando a acção dramatica, o suppoz comedia sacra, e que da leitura do texto não se pode arrancar uma explicação indiscutivel para o titulo, aqui fica a minha conjectura, apresentada ao menos como plausivel.

A qualidade de *natural* era alem de tudo apreciada pelo Chiado como vimos.

Invenção — com o significado de engenho e arte, não lhe regateavam os seus contemporaneos.

VII

Onde e quando foi representado este Auto

A rubrica do exemplar que adiante damos em *fac-simile* no seu pittoresco traje de *pliego-suelto*, diz-nos claramente que foi representada «*ao muyto alto Rey Dom Joam Terceyro*».

Suppomol-a provavelmente levada á scena nos Paços da Ribeira, entre os annos de 1545 e de 1557.

Expliquemos a conjectura.

Durante a edade media o drama liturgico — os *mysterios* ou as *moralidades* — e em geral o theatro hieratico foi a pouco e pouco transferindo-se da Igreja para a Côrte. Isto é ; das Cathedraes, ou dos Conventos, ou dos adros, dos claustros e das ruas onde colleavam as procissões espectaculosas, — veiu passando para os Palacios de Reis e Principes, para os Castellos dos Senhores e residencias nobres, e até para as liças dos torneios, em que se figuravam caçadas, luctas guerreiras, ou ainda para as salas dos banquetes em que durante as festanças se representavam entremezes.

Nos Paços dos nossos Reis desde D. Sancho, fazendo representar os *arremedilhos* por Bonamis e Acompaniado ; nas assembleas cultas e requintadas onde se realisavam as *Côrtes de Amor* ; e nos saráus com os afamados certames poeticos, ia-se esboçando o theatro. E finalmente com os Autos, Farças, e Tragicomedias, Gil Vicente lhe deu a forma, que havia de perdurar até á Renascença italiana.

Na camara da Rainha D. Maria nasceram ao mesmo tempo um Principe, que havia de ser Rei D. João III, e o drama moderno com o monologo do Vaqueiro.

Nos Paços de Evora, Almeirim, Coimbra, Santarem e Lisboa foram declamadas as obras do grande cômediógrapho, que muitas vezes as fazia acompanhar de dansas, cantares, chacotas e ensaladas.

Quando era chamado a representar em Lisboa, os espectaculos realisavam-se ora nos Paços do Castello, ora em Santos-o-Velho, ora na habitação da Rainha D. Leonor, até que El-Rei D. Manuel lhe deu scena condigna nos sumptuosos Paços da Ribeira onde se representaram em 1505 a *Farça=Quem tem farellos?* o *Auto da Alma* em 1508, e as *Côrtes de Jupiter* por ocasião da partida da Infanta D. Beatriz para Saboya.

Desde então o theatro da Côrte, quando esta se achava em Lisboa, foi sempre nos Paços da Ribeira.

Ahi portanto viria representar Antonio Ribeiro Chiado o seu *Auto da Natural Invenção*, na mesma sala em que funcionara a companhia de Gil Vicente.

Uma ou outra vez improvisava-se um tablado em qualquer sala ou camara, se as circumstancias o exigiam, como aconteceu em Almeirim, quando se deu o *Auto da Barca do Inferno*, que era destinado á capella, mas cuja primeira parte foi figurada na «Camara pera consolação da muito catholica e santa Rainha D. Maria estando enferma do mal de que falleceu». O scenario foi decerto simplificado.

Mas ordinariamente, sobretudo nas tragicomedias espectaculosas, eram grandes as exigencias das vistas, ao contrario do que havia de succeder em Inglaterra perto de um seculo depois. Alli, no theatro em que Shakespeare representava, uma arvore indicava uma floresta, um soldado significava um exercito.

Em Portugal a arte scenica estava mais aperfeiçoada, e ao esplendor da côrte ostentosa correspondia a riqueza do scenario.

No Auto intitulado: *Breve Summario da Historia de Deus*, representado em Almeirim, o palco devia ter tido

uma disposição especial para poderem effectivar-se as mutações que as rubricas prescrevem; — *O limbo*¹, *uma Prisão*², etc., etc. Suppõe mesmo o Sr. Theophilo Braga «que á maneira dos *Mysterios* francezes haveria tantos palcos sobrepostos quantas as localisações de acção, sendo geralmente dividido em trez andares — o de cima para as scenas do céu, o do meio para figurar a terra, e o de baixo para o inferno»³.

Sendo assim, havia de certo, tanto nos Paços de Almeirim, como nos de Evora, e como nos da Ribeira em Lisboa, uma sala onde o theatro estaria permanentemente armado, e era ahi que por occasião de festejos officiaes, casamentos de Reis, nascimentos de Príncipes, recepções solemnes, despedidas de Princezas, etc., os comediantes vinham com seus bailados, declamações poeticas, tramoias e figurações alegoricas, divertir a Côrte.

Se não havia, oficialmente nomeados, como depois se estabeleceu em França — *Les comédiens ordinaires du Roi*, eram frequentemente convidados ao Paço os representantes, desde Gil Vicente, quasi poeta aulico, até ao popular Chiado.

Como não consta que este sahisse alguma vez de Lisboa com o fim de representar, (pois se realmente foi a Hespanha teve essa excursão por motivo as perseguições que lhe moveram) e como no tempo em que foi *actor* as representações se realizavãem sempre no Paço da Ribeira foi de certo alli que elle representou o seu *Auto da Natural Invenção*.

É uma demonstração por eliminações, mas é segura.

Em quanto ao anno em que o teria representado, é mais difficil obter uma averiguação. Mas por conjecturas chegamos a uma aproximação.

¹ «Entra Abel na escuridade do limbo»—Obras de Gil Vicente, vol. 1.º, pág. 319.—Hamburgo 1834.

² «Entrando S. João n'aquela prisão»—Obras de Gil Vicente, vol. 1.º, pág. 332.—Hamburgo 1834.

³ Theophilo Braga — Gil Vicente e os origens do Theatro Nacional, pág. 305.

Quem mais e melhor tem estudado a vida do Frade, e as suas obras é o Sr. Alberto Pimentel nos dois trabalhos a que já nos referimos.

Mas pouco ou nada se refere ás representações das peças theatraes, e muito menos á do *Auto da Natural Invenção*, que então ainda desconhecia.

Occupá-se principalmente da polémica entre o poeta e Affonso Alvarez; da questão muito debatida ácerca do nome de *Chiado*; e da analyse das suas obras.

Não nos dá indicação alguma relativamente ao tempo em que foram postas em scena, chegando até a duvidar que elle fosse intérprete das suas producções ¹.

É levar muito longe o escrupulo sabendo-se que a tradição escripta attribue ao frade funambulo habilidade de imitar vozes, de desfazer-se em tregeitos, pantomimas, ademães e visagens para provocar o riso.

Lá o diz o seu contendor :

«Que não ficava serão
onde vós, frei mexilhão,
não fosses metter o sacco
com vossas graças de vão,
lallando velha e villão
feito vasilha de Baccho». ²

e noutra trova :

«E tu queres ser rufião
e beber como francez
e comer como allemão
e fallar velha e villão
e dar aos frades mau mez». ³

E assim com a voz de ventriloquo que o tornou célebre elle iria em falsete contrafazendo o fallar da *Velha* e do *Villão* ou outras, em quanto que com o registo natural

¹ Obras, pág. 1x — «Mas da indicação de Barbosa não infiro com segurança que Chiado fosse intérprete da sua producção.....»

² Ibid — pág, 176.

³ Ibid — pág. 181.

do seu órgão vocal figuraria o *auctor* em disputa com o *representador* ¹.

Não offerece por tanto dúvida que o popular improvisador era, como Gil Vicente, auctor, actor e ensaiador das suas peças, o que aliás depois succedeu tambem com Shakspeare em Inglaterra e Molière em França.

Ficando pois assente que representou o seu *Auto* nos Paços da Ribeira, vejamos por que supomos que seja depois de 1545 e antes de 1554.

Em 1543 foi, ao que parece, composta e talvez representada a *Pratica das oito figuras* ². É de crer que só depois do Chiado ser conhecido como actor, é que fosse convidado a ir ao Paço. Em 1543, data plausivel do apparecimento de Camões na Côrte ³, é que os dois provavelmente travaram relações e foram companheiros de vida airada, vivendo ao sabor do mundo.

O *Auto de ElRei Seleuco*, de Camões, foi representado depois de 1545 no *Pateo* de Estacio da Fonseca, enteadado de Duarte Rodrigues, reposteiro de D. João III. N'esta funcção foi, segundo já vimos, citado o Chiado, como bom troveiro ⁴, e até alguém já suppoz que elle proprio fizesse o papel do moço Lançarote ⁵.

Nada mais natural que o *Reposteiro* Rodrigues, em conversação com seu Real Amo, tivesse relatado a festa, a referencia de Camões ao Chiado, e talvez elogiado a sua arte de representar. D'ahi o convite para ir ao Paço.

Antes d'este acontecimento, isto é, antes de 1545, era o frade conhecido como *dizidor*, como *coprante*, como gracioso, mas era muito moço (a sua morte só se deu em 1591) para ser considerado como auctor dramático consagrado.

¹ Cunha Rivara no seu estudo diz: «Com seus momos fingia as vozes e gestos das diversas pessoas com tanta propriedade e galanteria que pareciam ser as proprias» — *Panorama*, vol. IV, pág. 406.

² Th. Braga — *Eschola de Gil Vicente*, pág. 106.

³ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos — *Infanta D. Maria*, pág. 62.

⁴ Visconde de Jurumenha — *Obras*, tom. IV, pág. 200 e 480.

⁵ Th. Braga — *Eschola de Gil Vicente*, pág. 85.

Tambem não é provavel que a representação do *Auto da Natural Invenção* passasse alem de 1554. N'esse anno fallecia o Príncipe D. João, e os seguintes trez annos foram atribulados para ElRei D. João III, que veio a morrer em 1557 cheio de desgosto e alanceado com lutos.

Precisar exactamente o anno e o dia é impossivel, porque faltam registos de Côrte, memórias íntimas, ou qualquer outra fonte directa ou indirecta de informação.

Nem isso tem grande importancia para a História do Auto ou para a Litteratura.

O que importa é saber que a producção artística do Chiado foi exhibida no Paço, n'esse período em que, já muda a voz de Gil Vicente, que deixou de representar em 1536, havia ainda serões alegres.

D'elles diz D. Carolina Michaëlis:

«Da existencia d'estes *Serões Reaes* é que estou convencida, apesar de Sá de Miranda, cujo suspiro retropectivo illude. Serões certamente diversos dos *manuelinos*, cuja pompa e alegria exuberante e cujas graças familiares, tantas vezes indiscretas se revelam por mil maneiras estranhas no Cancioneiro e nos Autos de Gil Vicente, muitas modas velhas perduraram todavia. Os bobos, chocarreiros, anões e corcundas graciosos não eram banidos das salas.

Os Reis e fidalgos divertiam-se então como d'antes, em grande parte com as chalaças de Antonio Panasco e João de Sá e *com os chistes do Chiado*. As representações de Autos e Farças continuaram.»¹

¹ D. Carolina Michaëlis — *Infanta D. Maria*, pág. 51.

VIII

O Auto dividido em Scenas

SCENA I

Personagens:

Dono da casa e o seu moço Almeida

O *Dono da casa* pergunta mal humorado ao *Almeida* por que razão não começará desde logo a representação. O *Almeida* responde que o Auto devia ser representado primeiramente em duas casas. Impacienta-se o *Dono da casa*, e considera-se sandeu por ter dado dez cruzados anticipadamente.

SCENA II

Os mesmos e os Matantes Matheus d'Araujo e Ignacio Pacheco

Batem á porta. O *Dono da casa* deseja saber quem vem. Não respondem. Vae então para enxotal-os, por serem dois *Matantes* (como quem diz *fadistas*, rufiões, gente da rua). Mas batem mais de riço e declaram ser *Matheus d'Araujo* e *Ignacio Pacheco* seus servidores, que embora não convidados desejam assistir á festa.

O *Dono da casa* posto que ache «parvoice fazer de casa praça» permite-lhes a entrada. Elles annunciam que está muita gente na rua desejando entrar, e nomeiam trez que os obrigaram a esconder-se. (São porventura nomes muito conhecidos, e de cuja notoriedade ignoramos as causas —

Lucas Caçoto Pereira, Ayres Gomez Teyxeira, e D. Anriquinho).

A companhia dramática demora-se. São já dez e meia, o que faz com que o *matante Matheus d'Araujo* diga para confirmar tanta demora :

Como os Autos são de vento
sobre o seu menos deter
se pode mui bem beber
erro mas de enfadamento?

Ao que *Ignacio* responde :

Autos tem esta rapazia
que os desdoura e não é nada,
que albardam de madrugada
e partem ao meio dia !

SCENA III

Os mesmos e o Auctor com a Companhia dramática

O *Auctor* bate á porta com os interlocutores da peça. Mas é tanta a gente na rua que os actores não podem entrar. O *Dono da casa* recomenda ao *Auctor* que não deixe penetrar senão os figurantes e a *canastra* onde vem os fatos e adereços, porque a casa é pequena.

Entram os actores, mas falta uma figura para a qual é preciso abrir a porta. O *Dono da casa* agásta-se e emprega uma interjeição pouco limpa (verso 139) com que significa não querer que a turbamulta lhe invada a casa. Afinal deixa entrar tambem o *Escudeiro*.

SCENA IV

Os mesmos o Escudeiro e o Negro

O *Dono da Casa* quer expulsar o *Negro* julgando que é um intruso. Então o *Negro* diz-lhe um segredo ao ouvido, e para demonstrar que tambem pertence á *Companhia* canta um villancete acompanhado á guitarra, o que agrada ao *dono da casa*.

SCENA V

Os mesmos e o Representador

Este começa declamando, e faz uma especie de *conferencia* sobre Historia do Theatro :

Uns lhe chamavam comedia
Outros representações
Outros arremediações
e outros, soltas as redeas,
tinham mil opiniões... etc.

E' interrompido na sua palestra pela entrada do *Ratinho* (outro typo vulgar no theatro vicentino) que representa aquillo a que hoje poderíamos chamar o *Zé-povinho* camponez, um lôrpa, ingenuo, sempre ludibriado. Vem perseguido pelo Auctor.

SCENA VI

Os mesmos e o Ratinho

que vem fugindo e grita : Aqui d'El Rei : por lhe quererem bater visto elle exigir a sua paga no valor de *trinta reaes*.

O representador, que se enfada por ter sido interrompido na sua parlenda, aconselha que lhe deem o dinheiro porque o auditorio está já bradando. Começam então n'um *dize tu direi eu* o Auctor e Representador acabando este por declarar que não quer continuar a desempenhar o seu papel. O Auctor declara-lhe que tambem não está contente com a sua maneira de representar. O Ratinho insiste em que lhe paguem mas n'isto entra seu primo Duarte.

SCENA VII

Os mesmos e Duarte

Esta scena é toda ella um dialogo, durante o qual os dois interlocutores, o Ratinho e Duarte, divagam acerca do desejo que ambos tinham de casar com a filha do Sapa-teiro.

«uma cachopa tão linda
que essa é — e tem dinheiro.»

Ha neste dialogo do Duarte com o Ratinho um leve esboço de amor que, como já apontamos é pouco vulgar no theatro do Chiado. Revela-se por vezes em expressões felizes. Mas depois dos queixumes e confidencias amorosas os dois acabam philosophicamente por exclamar :

Tantos ais podemos dar
que morremos eu e ti.
Acaba ! Vamos jantar.

SCENA VIII

Os mesmos menos Ratinho e Duarte

O Auctor e Representador, que teem estado mudos, recommçam a sua disputa e chegam a desafiar-se injuriando-se, e empregando epithetos grosseiros e descabelados.

Um dos *Matantes* separa-os.-E então o *Dono da Casa* dispensa-os da continuação do *Auto*. Mas os *Matantes* observam-lhe que, uma vez que a representação começou, será melhor continuar. Matheus dá-lhe por exemplo uma que viu em Veneza e que durou seis horas.

Nunca fostes em Italia
onde se fazem comedias ?
Ora ouvi-me uma grandeza
que vi dentro em Veneza :
Vi que se representou
uma scena que durou
seis horas. E per certeza
e mais ninguem se enfadou.

O *Dono da Casa* concorda. Mas não quer elle assistir pelas rasões que passa a expor.

Autos é devassidão
da casa e mais da pessoa
.....

Por fim sempre se resolve a instar com o *Representador* para que continue a sua conferencia.

Este recommça. E vae a expor a sua theoria quando os

Matantes o interrompem zombeteiramente: Boa figura! Boa figura!

Esta interrupção que se repete exaspera o Representador. Inectiva-os dizendo-lhes que não são pessoas de consideração nem *Menezes* nem *Castros*, mas apenas uns *Et coetera Mendes*. Os *Matantes* dão-lhe pateada e o *Representador* agitado, e fóra de si, sáe impetuosamente.

SCENA IX

Os mesmos menos o Representador. Entram dois Villões chamados Gonçalo Braz e Pero Gil

Reconhecem-se e Pero Gil pergunta a Gonçalo onde vae. Este responde-lhe que se dirige á habitação de João Sutil que tem grande festa porque casa a filha com um rapaz da Ilha, e que dá bom dote á rapariga.

Pero Gil, má lingua e coscuvilheiro, entra logo a mexericar:

«*Eu ouvi já remorder . . .*». E dá a entender que o dote é destinado a esconder nodoas na alvura da sua innocencia. Gonçalo defende-a. Que isso é impossivel; que a rapariga não sahia sosinha; e que se não deve dar credito aos difamadores da honra feminina.

Mas Pero Gil insistente, encolhe os hombros com malicia e desfecha-lhe os versos que dizem:

Lá se ache ella comsego
Se outro boi lavrou o rego
Muito boa prol lhe faça.

Depois de mordiscar na reputação da filha de João Sutil, o enredador Pero Gil começa a contar ao collega uma demanda que traz. Arremette contra a justiça, e entra a murmurar de juizes e escrivães, como é de uso em muitas das farças de *basoche* d'esse tempo. Conta-lhe como tentava subornar a justiça e ainda por cima ludibrial-a.

«Tenho um engano armado»

o qual consiste em offerecer de presente ao licenceado que ha de julgar o pleito uma lebre. Ora essa lebre é apenas

uma pelle cheia de palha. Este ingenuo embuste diverte muito Gonçalo Braz, que deseja ir assistir ao desfecho d'aquella graça, e Pero Gil diz-lhe :

«Ora sú! vamos depressa
que sam horas de comer!»

SCENA X

Os mesmos menos Pero Gil e Gonçalo Braz

Sem motivo de continuidade o Escudeiro e seu moço, avançam trazendo travado um dialogo cujo sentido por obscuro nos escapa. Mas a certa altura o *Moço* diz para o Escudeiro :

Agora quando eu vinha
estava a sua Varella
lá de dentro da janella

O *Escudeiro* pergunta-lhe se fallou com a rapariga, ao que o *Moço* responde não ter podido fazel-o por estar com ella a madраста.

Começam então os dois a disputar-se, fazendo o *Escudeiro* alardo das suas grandezas, ao que o *Moço* põe irónicamente algumas reservas. Acaba a conversação fazendo o Escudeiro promessas ao *Moço* d'uma escrevaninha (isto é um officio de escrivão) na Guiné, ou então de grumete para a Costa da Mina.

SCENA XI

Os mesmos e os Musicos

O chefe da orchestra entra com os cantores, e extranha que o Escudeiro esteja vestido de seda, que era então prohibida. O escudeiro responde que dando esportulas aos alcaides e aos meirinhos consegue infringir impunemente as prescripções d'essa pragmatica. E empraça os musicos a que comecem a sua serenata. E' de crer que seja na intenção de fazer chegar á janella a sua namorada.

Os musicos *dão a musica* tangendo e cantando conforme diz a rubrica.

SCENA XI

Os mesmos e a Velha

que apparece a uma janella. (Suppõe-se que a scena esteja dividida e que d'um lado represente a rua, e do outro o interior da casa).

A velha desata a increpar os *musicos vadios* por andarem a inquietar as filhas alheias.

O Escudeiro tenta fallar-lhe, mas ella interrompe-o com um chuveiro de injurias. Elle insiste dizendo-se creado de El Rei e que quer casar com a filha. Ella declara que espera empregar-a melhor. Visto não annuir chama-lhe velha ruim, descortez e ameaça-a. Ella então começa a gritar Aqui d'El Rei. A rubrica diz: «aqui fogem»

SCENA XII e ultima

Os mesmos menos os musicos e o Escudeiro

Os dois Matantes Ignacio Pacheco e Matheus d'Araujo discreteiam acerca de Autos achando «uns bons, outros ruins.» No final Matheus convida o *Dono da Casa* a ir no domingo immediato assistir a um Auto em sua casa. Pergunta-lhe o *Dono da Casa*: «E o auctor que cousa é?» ao que elle responde

«É um tirado da peça.»

E o *Dono* torna a perguntar:

«Feito de sua cabeça?»

ao que Ignacio atalha dizendo:

«Vel-o-ha Vossa Mercê:»

O *Dono da Casa* a quem Ignacio chama *Gomez da Rocha* (até este ponto não era designado senão por *Dono da Casa*) quando vê os dois retirarem-se pergunta-lhes se querem que os alumie:

Vossas mercês querem tocha?

Ao que elles respondem:

«Senhor não é necessario»

E aqui termina este acto sem epilogo nem outra forma de remate.

IX

A ortographia

Encetando a transcripção do Auto do Chiado surgiram no nosso animo as mesmas difficuldades, as mesmas hesitações, as mesmas duvidas que se nos tinham deparado quando transcrevemos o *Auto da Festa* de Gil Vicente, sendo agora aggravados estes tropeços com o haver mais incoherencias grammaticaes, mais obscuridades e mais desleixo na linguagem do frade ribaldo que na do genial comediographo.

E alem d'isso (por que não dizel-o?) vieram avolumar essas difficuldades a adopção por algumas summidades philologicas da nova ortographia; a sua decretação pelos poderes publicos; e a imposição d'essa fórma de escrever nos estabelecimentos de instrucção, em todos os serviços do Estado, e nas typographias officiaes, obrigadas a seguirem á risca o novo dogma.

Alguns escriptores houve até, que na sua ancia de obedecerem ao novo estado de coisas ultrapassaram os dictames dos sabios e dos políticos, escrevendo palavras tão phantasiadamente que, quando as encontramos no caminho difficilmente as conhecemos atravez da mascara.

Não entraremos agora na discussão acerca das excellencias da nova ortographia, pois nos falta competencia em sciencias philologicas; nem discutiremos a inhabilidade de a decretar por um *ukase* dictatorial, o que desde logo a

tornou menos sympathica a muitos, deu a outros a impressão fastidiosa de ter de aprender uma nova grammatica, e ainda em muitos assanhou o instincto de rebeldia tão proprio de meridionaes, sempre avessos ás ordens da policia, ou ella faça cumprir uma postura, ou escrever uma palavra sem lettra dobrada, sem *h* ou sem *y*. Quanto a muitos o sentimento de aversão nasceu do phenomeno que inspirou a sabedoria das nações, ao formular o bem conhecido proloquio — *Burro velho não aprende lingua.* — Mas o que a todos os que prezam a tradição mais desgostou foi sentir que a *revolução decretada* democratiza as palavras, tira-lhes a linhagem, a graça, a distincção de raça, alem de dar á lingua escripta novos aspectos inestheticos, sobretudo para a visão habituada *ao que estava*, alterando até nomes propios, nomes de familia, e nomes de terras. Isto sem fallar em muitas incoherencias que vieram tornar mais denso o *chaos* (?) *cahos* (?) ou *cáos* (?) em que vivemos.

Seria possivel que uma bem orientada ensinança por parte dos mestres consagrados como são D. Carolina Michaëlis, Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos, Cândido de Figueiredo e outros viesse a dar bons resultados. Seria possivel que a benéfica influencia de uma Academia portugueza, independente de qualquer tutoria do governo, e destinada como é a Academia franceza a ser *la gardienne de la langue et la plus haute représentation de l'esprit*, Academia que, inspirada em principios salutaes se empenhasse em respeitar e fazer respeitar o patrimonio legado, pelos grandes classicos, a cujas obras os escriptores se podem acolher, quando a onda inovadora os pretende arrastar, lograsse conservar em bom recato a arca santa do nosso idioma. E será talvez possivel que um movimento encaminhado pela intelligencia e pelo saber dos bons escriptores, ainda mais que pelas ordens dos mandões políticos, venha no decorrer dos annos a simplificar, a unificar, a tornar bem acceite de todos uma ortographia portugueza.

Isto emquanto no futuro não fôr pela força das coisas substituida a *graphia* litteraria pela *graphia* phonetica das cha-

pas. phonographicas, futuro que Deus afaste por muitos annos, assim como os intentos vesanos dos esperantistas.

Mas no momento actual quem ainda lê, com os olhos habituados ao portuguez dos portuguezes d'hontem não desestimará encontrar os versos do Chiado passados a uma *graphia* corrente, depennada, sim, dos archaïsmos, espiolhada de fórmas obsoletas, desleixos e incoherencias, mas sem o aspecto que a nova ortographia dá aos livros dos antigos, despidos dos fraldelhins e vasquinhas do seu vestuario primitivo.

Não tomo a defeza no campo scientifico da ortographia que adoptei na presente publicação. Tive unicamente por fim tornar legivel pelo maior numero de curiosos o Auto do Chiado, sem lhe dar o aspecto que tem uma velha, quando se adorna com arrebiques da ultima moda. Que outra não é a impressão que nos assalta quando nos chega á mão um livro de auctor quinhentista, submettido aos dictames da Portaria do Governo Provisorio de 1 de Septembro de 1911.

Os philologos, os glotologos, os especialistas nas sciencias linguísticas, alguns dos quaes preso como amigos e venero como sábios, não vejam no meu criterio o proposito de ir, por mero capricho, de encontro ás regras com que cada um pretende unificar, simplificar, systematisar, ou estabelecer em bases scientificas a ortographia.

Olhem apenas para a traducção que emprehendi como uma tentativa conducente a interpretatar textos, reconstruir phrases obscuras, distribuir ponctuação adequada, e aclarar as intenções do poeta.

Antes de terminar seja-me lícito apresentar a expressão dos meus agradecimentos á minha Excellente Amiga D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos pelo acolhimento que concedeu a este trabalho; pela benevolencia com que applaudiu a tentativa de transcripção; e pelos conselhos com que accudiu á penúria do meu saber.

Cumpre-me tambem agradecer ao meu amigo Visconde Castilho II, o erudito monge do Lumiar e Patriarcha das Lettras, a hospitalidade carinhosa que deu na sua Thebaida ao Auto do frade chocarreiro, catando pacientemente a Explicação de gralhas e incorrecções.

TRANSCRIPÇÃO

DO

AUTO DA NATURAL INVENÇÃO

TRANSCRIPÇÃO

DO

AUTO DA NATURAL INVENÇÃO

AUTO DA NATURAL INVENÇÃO

Auto feito por Antonio Ribeiro Chiado, chamado *Natural Invenção*, representado ao muito alto Rei Dom João terceiro.

INTERLOCUTORES :

O DONO DA CASA.

ALMEIDA, seu moço.

MATEUS DE ARAUJO } matantes.
IGNACIO PACHECO }

O AUTOR DO AUTO.

UM NEGRO.

UM REPRESENTADOR.

UM RATINHO.

DUARTE, seu primo.

DOUS VILLÕES ¹.

UM ESCUDEIRO, com

SEU MOÇO, e um

SEU PRIMO ², e

UMA VELHA.

¹ Gonçalo Braz Galego, Pero Gil.

² Falta indicação dos cantores capitaneados pelo Primo.

DONO. Almeida!

ALMEIDA. Senhor?

DONO. Vem cá!
Sabe se ha de tomar porto
hoje este auto, ou se é morto.

ALMEIDA. E o autor onde está?

DONO. ⁵ Em cas ⁴ de teu avô torto,

ou marmelo pela perna!
Quem por rapazes governa
sua casa, é mais rapaz,
e rapaz que tratos traz,
¹⁰ com quem a malícia inverna.

Que te mandei to di ² hoje?
Que mandou vossa mercê?

ALMEIDA. Já nada, pois que assi é,
DONO. não mande Deus que te noje ³.

¹⁵ D'aquí avante me dou
por de vossa senhoria,
mandae-me d'hoje este dia,
zombae de mim que aqui estou.

E pera encurtar rezões
²⁰ digo, que comvosco vivo,
sam captivo de captivo,
escravo dos meus ladrões.

Dizei, senhor cavalleiro,
meu duque ⁴, meu thesoureiro,
²⁵ que me viestes dizer?
ALMEIDA. Que o haviam de fazer
em duas casas primeiro;

¹ Cas = casa.

² To-di-oje = todo o dia de hoje.

³ Te noje = te enoje.

⁴ Meu duque — designação ironicamente dada a gente de menos-prezo.

e que se faria ás dez
até ás onze ¹, a mais tardar.
DONO. ³⁰ E per força hei de esperar
vinte horas, em que me pês? ²
Isso parece zombar!

Calo-me por minha dôr.
Esse está galante rir,
³⁵ parestas ³! Que me hade ouvir
esse rapaz do autor.

Outra hora eu serei cauto!
Oh sandia openião!
que eu vou dar d'antemão
⁴⁰ dez cruzados por ver Auto!
Porque não me açoutarão?

Vê quem está ahi batendo.
ALMEIDA. Matantes que querem entrar.
DONO. Quem são?
ALMEIDA. Não querem fallar.
DONO. ⁴⁵ Batam; que bem os entendo;

agora m'hei de vingar
Eu já nunca fui devoto,
quanto de meu proprio voto,
de autos!

ALMEIDA. Tiram á janella.
DONO. ⁵⁰ Dá-me cá uma rodella
verás como t'os enxoto.

¹ No original lê-se: aas dez atee as onze.

² Em que me pês = ainda que me pése.

³ Parestas = formula usadissima de *juramento*. E' preciso entender *par estas barbas!* — *Par* é francesismo antigo. Nas cantigas de Santa Maria é frequente: «Par san Denis»

Inda usas de mais tretas?
 Guardae-vos, não façaes gretas
 por onde vejaes a luz
 55 do lume d'um arcabuz,
 que em vós fará monetas ¹.

Aqui batem rijo.

DONO. Quem me bate n'essa porta?
 MATEUS. Dous grandes seus servidores.
 DONO. Ah! Senhores! Ah! Senhores!
 60 Isso me tem a alma morta.

IGNACIO. Senhor, só que abraes queremos
 a Dom Vasco de Ataide.
 DONO. Hi! hi! hi!
 IGNACIO. Ora embora, Senhor, ride!
 Zombaes? Tambem zombaremos.

DONO. 65 Rio-me de uma doudice,
 assaz comesta da traça ²;
 fazer eu de casa praça,
 pode ser mór parvoice?
 Pode-se contar ³ por graça.

70 Senhores, podem subir;
 se mandarem, tem assentos.
 MATEUS. Guarde lá seus cumprimentos,
 d'aqui queremos ouvir.

¹ Monetas = (termo nautico) = vela pequena suplementar. Em sentido figurado *metter moneta* e *fazer monetas* significa metter vela, fazer reforço de vela; — pôr alguem a andar.

² *Comesta*, part. popular de *comer*. — Comesta da traça = muito velho. Na Pratica dos Compadres (vid. Pimentel, pag. 111), encontra-se: «um comesto da traça» com o mesmo sentido.

³ No original, *conta*.

DONO. Já conheço, já conheço,
 75 «no te cubras con el manto»
 e vós sabieis me tanto,
 suspeitei-o no começo.

IGNACIO. Todavia nós estamos
 reaes no dissimular.

DONO. 80 Como vos ouvi fallar
 logo vi que eram extremos:
 ora enfim dae-nos lugar ¹.

MATEUS. Sabeis quem tendes alli?
 Gente de quem me escondi:
 85 Lucas Caçoto Pereira,
 E Ayres Gomes Teyxeyra ²,
 E Dom Anriquinho ³. Ouvi?

Está n'essa rua gente
 que é para coalhar os mares.

DONO. 90 Esses vieram ⁴ pelos ares.

IGNACIO. Não sei que autos consente.

DONO. Vem quatro vossos amigos,
 da vossa honra inimigos,
 d'amizade que não presta.
 95 Vejamos auto esta festa ⁵
 e não olham ⁶ os perigos
 d'uma afronta tal com'esta.

¹ Este verso (82) deverá ser posto na falla seguinte de Mateus.

² No original, *teyxeyra*.

³ Talvez personagens repellentes d'aquelle tempo.

⁴ No original, *veram*, que pode ser *verão* (futuro de *ver*) ou erro typografico, por *vieram*.

⁵ Talvez *n'esta festa*.

⁶ Talvez *olhem*.

MATEUS. Onde nos assentaremos?
 DONO. Venham para o meu estudo ¹.
¹⁰⁰ Era o mesmo acertar tudo.
 IGNACIO. Mas aqui esperaremos
 o auto.
 MATEUS. Modo sesudo.

Elles já não tardarão?
 DONO. Sabe-se que horas são?
 IGNACIO. ¹⁰⁵ Passará das dez agora.
 DONO. Quanto passará?
 IGNACIO. Meia hora.
 DONO. Inda vem a conjuncção ².

MATEUS. Como os Autos sam de vento,
 sobre o seu menos deter
¹¹⁰ se pode mui bem beber
 esse mar de enfadamento.

IGNACIO. Autos tem esta rapazia ³
 que os desdoura, e não é nada,
 que albardam de madrugada,
¹¹⁵ e partem ao meio dia ⁴.

Bate o Autor, e diz:

AUTOR. Dizei que venham abrir
 que achada é a Alleluya!
 DONO. Oh! Oh! outra suya!
 muito galante fingir!

¹ Estudo — escriptorio, ou a casa onde se dá lição.

² Conjuncção — hora combinada, ensejo.

³ Rapazia — dito ou acção de rapaz — multidão de rapazes. —
Raposia — manha. Deve ser talvez astucia.

⁴ Albardar de madrugada e partir ao meio dia, é proverbio em-
 pregado para motejar da falta de pontualidade dos actores.

- ¹²⁰ chamae-me cá esse autor.
 ALMEIDA. Oulá, autor!
 AUTOR. Ei-lo vae!
 DONO. Que é d'elle?
 AUTOR. Ei-lo vae!
 (DONO?) Que temos?
 AUTOR. Mui bom ¹ lavor.
- DONO. Que é das figuras? Vem já?
 AUTOR. ¹²⁵ Aqui estão, não podem entrar.
 DONO. Porquê?
 AUTOR. Não lhes dá lugar ².
 DONO. Arredae-vos pera lá!
- Olhae, que não entrem mais
 que as figuras sómente,
¹³⁰ porque se trouxerdes gente
 assentae que me aggravaes;
 a casa não n'ó consente.
- Quem entra logo?
 AUTOR. A canastra
 com todo seu aparato.
 DONO. ¹³⁵ N'ella se agasalha o fato?
 AUTOR. Senhor si. N'ella se alastra.
- DONO. E quem mais? Oh! arredae-vos.
 AUTOR. Os villões!
 DONO. Entrem embora.
 AUTOR. Fica uma figura fóra.
 DONO. ¹⁴⁰ Cagae n'ella, e enforcae-vos.

¹ No original, *bó*, forma popular que não se torna a encontrar n'este Auto.

² Provavelmente: *Não lhes dam lugar*.

A porta não n'a abrirei,
 porque entrará a turbamulta
 e parece isto consulta
 de mais longe, apostarei.

¹⁴⁵ Quem vem mais?

AUTOR. O escudeiro.

DONO. Pois que faz lá?

AUTOR. Ha vergonha ¹!

DONO. Má vergonha se lhe ponha!
 Entre. Acabe esse ronceiro.

Sus! Senhores! Arrimar.

¹⁵⁰ Cada um tome seu lugar
 com todos os seus encargos;
 se o auto não tem embargos,
 pode mui bem começar.

AUTOR. Senhor! Hãõ-se aqui mister

¹⁵⁵ duas cadeirinhas rasas.

DONO. Mas pedi pera o anjo azas!
 E se as ahi não houver?

AUTOR. Mande logo alevantar
 dous, de trinta que ahi estãõ,

¹⁶⁰ que merecem estar no chão ²
 e é o seu proprio lugar.

DONO. Vós tendes muita rezãõ.

I-vos, não temeis canseiras,
 que eu as terei, descansae.

¹⁶⁵ Senhores, determinae
 de me dar duas cadeiras;
 se não d'aqui, perdoae

¹ Ha vergonha. — Deverá ler-se: Ah! vergonha! ou talvez queira significar: tem vergonha.

² No original: *cham*.

e mandae alevantar.
 NEGRO. Eu já não faço aqui nojo.
 DONO. ¹⁷⁰ Outro de mais alto bojo
 me ha hoje de perdoar.

O descanso que elle tem!
 Acabae! Alevantae-vos!
 NEGRO. Oh! Senhor! desagastae-vos!
 DONO. ¹⁷⁵ Zombaes de mi? Está bem.

NEGRO. Cuidaes que tomaes a garça ¹!
 DONO. Quem direi que é o embuçadinho?
 o «beijo-as-mãos» do negrinho!
 não quero ver outra farça.

¹⁸⁰ Negro! fóra dos piós ²,
 só em se cuidar é medo;
 se vos eu vira mais cedo,
 eu pusera cobro em vós.

NEGRO. Ora Senhor, não zombeis!
 DONO. ¹⁸⁵ Que chamaes cobro?
 Negrinho!
 Cobro quer dizer toucinho ³,
 se o vós não entendeis;
 e mais, hi vosso caminho!

¹ Tomaes a garça: Tomar a garça no ar. — Fazer gentilezas. — Maravilhas.

² Piós: pióz — piós (ou pió), do latim, pediola. — Correia que as aves de volateria trazem nos pés. — Peia. — Aqui significa *logar reservado*. Na *Pratica dos Compadres*, ed. Pimentel, pag. 102, «andaes fóra dos pióz» e pag. 138 «Dentro somos nos pióz».

³ Toucinho: Allusão ao castigo de *pingar* os escravos, isto é, de lhes deitar pingos de gordura a ferver.

Falla-lhe á orelha e diç o dono da casa :

Vós figura ? Não n'ó creó.
 NEGRO. ¹⁹⁰ Póde logo preguntar.
 DONO. Porque entraes ?
 NEGRO. Para tanger e cantar.
 DONO. Sois negro Orfeo ¹ ?

Não creó que sois cantor ;
¹⁹⁵ ha m'ó de jurar o autor. —
 Isto quero agora ver
 e hei vos de ouvir tanger,
 e mais cantar, meu Senhor.

Autor ! quereis cá chegar ?
 AUTOR. ²⁰⁰ Que me quer ?
 DONO. Não se espante.
 Conheceis este galante ?
 AUTOR. Si senhor, que ha de cantar.
 DONO. Mandae-lhe vir um discante ²
 que isto hei de experimentar.

NEGRO. ²⁰⁵ Não ! Que eu trago aqui guitarra !
 DONO. Isso é lançar a barra
 mais longe do que eu cuidava.
 Mas vejamos esta encrava ³
 se jaz sómente na amarra.

Aqui tange e canta o negro um vilancete e acabado diç o Dono da casa :

¹ Talvez : Sois vós, negro Orfeo ?

² Discante : Viola pequena ou machete.

³ Encrava : por encravo. — O mal que se faz encravando a besta.

DONO. 210 D'essa maneira... quê... quê... ¹
 Eu sam o que tenho saibo
 e vós, Senhor sentar raybo ²,
 perdoe vossa mercê.

Vá-se lá pera as figuras!
 215 Autor! comece a vir,
 bem se pode o negro ouvir,
 inda que cante ás escuras.

Entra o Repre entador.

REPRESENT.^{OR} Os antigos costumavam,
 como lereis n'essas rubricas ³,
 220 representar ás repubricas
 por figuras o que usavam

e ordenavam
 dos seis consules os quatro
 que houvesse ahi theatro
 225 onde se representavam.

E nos dias feriaes
 era o tal seus exercicios,
 pera escusar outros vicios
 d'outros vicios desiguaes,
 230 que cuidaes
 era esta uma arte sobida,
 discreta, mas mal sentida ⁴
 de nescios irracionaes.

¹ Os tres versos (210, 211 e 212) imitam a falla do negro.

² Na linguagem dos Negros da Guiné, *sentar* significa *ser*. Em lugar de *raybo*, leia-se *taibo* = *insipido*, contranome de *saboroso* (saibo).

³ Note-se a accentuação da palavra que modernamente se pronuncia com o accento no *i*.

⁴ No original: sentido, no masculino.

Uns lhe chamaram comedias ¹,
²³⁵ outros, representações,
 outros, arremediações ²;
 e outros, a soltas redeas,
 tinham mil openiões.

Outros de baixa grammatica,
²⁴⁰ que vós tendes cá por cantor
 lhes porão ³ por nome autor
 outros não, senão que é *pratica*.

Quem tal inventou per regra
 achou por saber celeste
²⁴⁵ a altura de leste a oeste ⁴
 da coisa que mais alegra.

¹ No original: comedia, no singular.

² Provavelmente: *arremedações*.

³ No original: *forão*. Talvez *foram pôr*.

⁴ *A altura de leste a oeste*. — Nas *Trovas a Felipe Guilhem*, Gil Vicente faz preceder os seus versos da seguinte historia: «O anno de 1519 veio a esta corte de Portugal hum Felipe Guilhem, castelhano que se disse que fôra boticario nel Porto de Santa Maria; o qual era grande logico e muito eloquente de muito bôa pratica, que antre muitos sabedores o folgavam de ouvir; tinha alguma coisa de mathematico; disse a ElRei que lhe queria dar a *arte de Leste a Oeste* que tinha achada. Pera demonstra d'esta arte fez muitos instrumentos antre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sol a toda hora; praticou a arte perante Francisco de Mello que então era o melhor mathematico que havia no Reino; e outros muitos que para isso se ajuntaran per mandado de Sua Alteza. Todos approvaram a arte por bôa; fez-lhe ElRei por isso mercê de cem mil reis de tença, e o habito e correta-gem da casa da India, que valia muito. N'este tempo mandou S. A. chamar ao Algarve a hum Simão Fernandes, grandè astrologo mathematico; tanto que o castelhano fallou com elle, que vio que o entendia, e que lhe fazia de tudo falso quis fugir pera Castella; descobriose a hum João Rodrigues, Portugues que o mandou dizer a El Rei, que o mandou prender em Aldea Gallega, estando em um cavallo de posta».

A esta mania tão vulgar no secuulo xvi da *Agulha fixa* ou *Arte*

Foi esta galantaria
 perdendo de dia em dia,
 como mui claro se vê,
 250 a qual ha mister que lhe dê
 outra vez de sesmaria ¹.

Sabeis a quanto mal veiu
 esta mui subida graça
 que se vende n'essa praça
 255 por quaesquer dous reis e meio,
 mas o bom, come-o a traça.

Vem o Ratinho fugindo de dentro, e o Autor após d'elle com um pao, e diz o Ratinho :

RATINHO. Aqui del Rei! Aqui del Rei!

AUTOR. Esperae! Pagar-vos-hei ²
 o caminho, pois fallaes.

RATINHO. 260 Ora bem, porque me daes?

AUTOR. Que figi eu? Mui bem n'o sei.

acabae! andas ³ por hi
 e não me deis mais rezão;
 — bem não abasta um patacão
 265 das pedras negras ⁴ aqui?

de Leste a Oeste, referem-se ainda : Gil Vicente, na *Farça dos Fisicos*. Antonio Prestes, no *Auto dos Dous Irmãos*, e o Chiado, a ella allude, na *Pratica das Oito Figuras*, quando Rocha diz :

Vós achastes o saber
 altura de leste a Oeste.

¹ Sésmaria : Terra inculta. — *Dar sesmaria* : permittir que alguém cultive uma terra por sua conta.

² No original : *pargar*.

³ No original : andas. Será andar?

⁴ *Pedras negras*, deve ser nome de localidade.

RATINHO. A fé qu'outrora não faga
outra burrela ¹ com'esta :
trazer ² carrega de besta,
e darem-me o páo por paga,
²⁷⁰ arrenego da tal festa!

Eu mesmo fui malhadeiro.
S'eu dissera a poja ³ larga
«quereis vós que leve a carga
dá ca o dinheiro primeiro» —
²⁷⁵ porem, dar dinheiro amarga.

¹ *Burrela*. — Tendo consultado a Ex.^{ma} Sr.^a D. Carolina Michaëlis sobre a significação d'esta palavra, recebi de S. Ex.^a, a cujo grande saber nunca se recorre de balde, a seguinte valiosa communicação : «Burrela é vocabulo muito interessante e muito mal estudado até hoje. Não sei se devemos acentuar burrela e considerá-lo como diminutivo de burra, entendendo — *asneira* ; ou búrrela considerando-o como pronuncia vulgar de *burla*. Lembre-se V. Ex.^a da Historia escandalosa relativa á esposa de um dos *Sousãos*, contada nos dois mais antigos livros de Linhagens, mas suprimida no livro do Conde (P. M. H. Script., pag. 285). No tempo lá dos Afonsinhos, mais exactamente no de Afonso Henriques e Egas Moniz — o Rei, hospedado na Fonda de Unhão, galanteia ou doneia a mulher do hospede enquanto lhe preparam a comida. E que faz o esposo ultrajado? Tosquia-a, coloca-a num sendeiro albardado — o rosto contra o rabo do sendeiro — e envia-a para a terra acompanhada de um só escudeiro.

Mas como entrou lá a palavra *burrela*?

Suponho que o barbaro castigo se chamava *burrela* e que os copistas, não comprehendendo a formula antiga, meteram por *nefas* o acresceto indigno e fez com ela meter *burrela a todos os rapazes*. Herculano acentua Búrrela».

Sem ter que recorrer á hypotese de um engano de copista não se poderá entender que no castigo de *burrela* entraria o obrigar a pobre Sancha Affonso a prostituir-se com todos os rapazes que tinha em casa?»

² No original : Trager. — Forma vulgar do verbo *trazer*.

³ Poja : ponta inferior da vela. Corda em que se vira a vela. Figuradamente : *A poja larga* é locução adverbial que significa *francamente ; abertamente*.

AUTOR. Oh villão, moer-vos hei
que vos não deixe osso sãõ :
RATINHO. Nós tambem teremos mão.
AUTOR. Pera mi ?
RATINHO. Bofas ! não sei !

²⁸⁰ Os Ratinhos não são moles,
nem vós não sois tão ercoles ¹
que engulaes assi a gente.
Ora é muito certamente :
muito ventam vossos foles.

²⁸⁵ Cuidareis pela ventura
que sam algum João da Bouça ? ²
REPRESENT.^{OR} Porque quereis que vos ouça
a gente que já murmura ?

Senhor ! Senhor ! dae-lhe quanto
²⁹⁰ vos pedir ; porquê bradaes ?
RATINHO. Quero trinta reaes, no mais ;
ir-me-hei d'aquí por entanto.
AUTOR. Oh que má hora venhaes !

REPRESENT.^{OR} Dae-lh'os e vá-se, eramá.
²⁹⁵ Estou eu representando,
e elles estão bradando,
tal cousa não se crerá.
AUTOR. Senhor, vinde vós mais brando.

¹ *Ercoles* : acentuação popular de Hercules.

² João da Bouça.—No Auto das Regateiras (Ed. Pimentel pag. 79), apparece este nome n'um sentido depreciativo.

REPRESENT.^{OR} Digo que não se ha de crer
 300 tão enorme parvoice.
 E' alguma bebedice
 isto? ou que quer dizer?

E' Auto de zombaria
 ou é jogo de meninos?
 305 Tem-me morto maus ensinos
 e captiva a cortezia.

É muito grande madraço
 quem em autos é figura.
 AUTOR. Como se elle agora apura!
 310 vós vos metestes no laço.

E não vos mostreis tão fero
 porque tambem vimos gente.
 REPRESENT.^{OR} Vós buscae quem represente
 o meu dito! que eu não quero.

AUTOR. 315 Eu mesmo não sou contente.

Vós já não representaes.
 sois figura por demais,
 nem sabeis o que dizeis;
 pois graça, buscal-a-heis,
 320 que em vós não n'a ha, se atentaes.

REPRESENT.^{OR} Eu confesso que sam frio;
 mas d'outra cousa me rio. —

RATINHO. Senhores, pagae-me, ir-me-hei!

AUTOR. Vilão ruim, far-vos-hei

325 acertar o a ario¹

¹ O sentido é obscuro. As letras *o a ario* não dão sentido. Ha certamente deturpação. — Talvez: *acertar o casario*.

e não me deis mais respostas!
acolhei-vos temporão ¹,
se não alegrar-vos-hão
Com São Paulo ² n'essas costas.

RATINHO. ³³⁰ Por isso ha pouco pão.

Crêde que o mau pagador
é peor que pestenença,
nem tem proximo, nem crença,
nem tem a nosso Senhor,
³³⁵ nem faz dos males pendenza ³,

pois diz lá o cancanul ⁴
que benefecerunt ibã
á gloria ⁵ para que vivam
e os que mal, norte sul
³⁴⁰ d'onde elles cuidam e estribam.

Folguem, roubem té o cabo!
não tenham com nada conta,
que lá no dia da fronta ⁶,
aqui torce a porca o rabo.

³⁴⁵ Não paguem, que lá iremos
onde tudo pagaremos.
Ficaes ⁷ que os que não tem capas
lá nos Ceos os farão papas,
e lá nos entenderemos.

¹ Temporão — com cedo — não tarde.

² *São Paulo* — um pau (expressão favorita do Chiado). Na *Practica dos Compadres*, Edição Pimentel, pag. 101, Camões tambem usa n'um dos seus Autos a expressão — *Sam Pisco de Pau*.

³ Pendencia — penitencia.

⁴ O *Cancanul* deve ser nome de qualquer livro de orações.

⁵ O sentido da sentença deturpada latina é: *qui bene fecerunt iban ad gloriam*.

⁶ Fronta — denuncia — proposta ou requerimento — «Fronta faço que mais não acho — isto é — não acho quem dê mais». Aqui, o dia da afronta, é o *dia do Juízo*.

⁷ Metatese popular de quiçaes, por quiçá, talvez.

(*Entra Duarte, primo do Ratinho, e diz:*)

DUARTE. 350 Oh! primo!

RATINHO. Praz?

DUARTE. Dize, rogo-te, mangaz ¹,
porque és tão desamorado
que ha ² trez dias que és chegado
e não dizes: estês em paz ³!

RATINHO. 355 Bofas! que não som culpado.

eu e Lourenço vinhemos ⁴,
e o Gamito da Portela,
esposo da Madanela.

DUARTE. Sancta Maria! cá o temos?

RATINHO. 360 Para cá moscou a vela ⁵

vem-vos elle mais preitês ⁶
que não falla com ninguem.

DUARTE. Dize, rogo-te, a que vem?

RATINHO. A ganhar.

DUARTE. Bôa está a rez.

365 A filha do sapateiro
é casada?

RATINHO. Não ainda.

DUARTE. Oh que cachopa tão linda
que essa é!

RATINHO. E tem dinheiro!

¹ Mangaz — brincalhão — de mangar ou *fazer mangas* ao demo.

² No original *ca e ques*.

³ Estês em paz — o mesmo que — Ora viva! — Salvé!

⁴ *Vinhemos* — forma popular em que se fundiram *vinhamos* com *viemos*.

⁵ Moscou a vela — fugiu.

⁶ Preitês — adjectivo muito usado pelos comediographos do seculo xvi — deriva de *preito* e significa amigo de *pleitear* — *orgulhoso ufano*.

DUARTE. Oh pezar de tal começo ¹!
 370 Tem dinheiro, dizes tu?
 pode viver o peru
 com ella?

RATINHO. Eu não t'ó nego.

DUARTE. Eu tive grande vontade
 de casar com a rapariga.

375 Era grande tua amiga?

RATINHO. Era, bofé, de verdade,
 se tu queres que t'ó diga.

DUARTE. Pois agora te confesso
 que lhe quero grande bem,
 380 e aquella somente tem
 meu coração de arremesso,
 chimpado per hi alem ².

Tem-me tão preso á estaca
 meus sentidos corporaes,
 385 que não me presta dar ais,
 porque com os dar, mais fraca
 sinto n'alma ³, e peno mais.

Est'outro dia a vi eu,
 a senhora de meu desejo,
 390 e cada vez que a vejo
 fico mais cativo seu,
 e não lhe fallo de pejo.

Ella me disse: «oh malvado,
 já te vás?» Fiquei finado.
 395 «Senhora, eu vos certifico,
 que, ainda que partas, fico
 em vós mesma sepultado».

¹ *Oh pezar de tal começo!* O mesmo que: *Mofina sorte a minha!*

² No original: *peri alem*.

³ Deve ser: *a alma*.

Despedi-me d'ella então
com saudosa paixão

⁴⁰⁰ e dores desesperadas ¹,
e como as beiras talhadas ²
me chorou o coração.

RATINHO. Como vieste, coitado?

DUARTE. Eu vim a furto de mim,
⁴⁰⁵ á custa do meu cuidado
por engalhar ³ minha fim ⁴.

Que s'eu soubera que vinha,
viera eu triste, mesquinho
saltar-me no caminho,
⁴¹⁰ e por isso a paixão minha
me tomou vivo no ninho.

RATINHO. Quanto, se passa d'ess'arte,
eu hei dó de ti, Duarte!

DUARTE. ⁴¹⁵ Como podes com tal dôr?
Olha! Mate-me o amor,
se não só por saber parte
se soffro eu o desfavor.

RATINHO. Como podes tu amar,
desingulando ⁵, a morte?

⁴²⁰ que o bem-querer é tão forte
que as pedras fará quebrar ⁶

DUARTE. Mas que me mate e me corte!

¹ No original: *desperadas*.

² Não será antes *telhadas* — *as telhas dos beirões*?

³ Engalhar — enganar.

⁴ *Fim*, antigamente era feminino. — Por engalhar minha fim — *enganar* para me estontear — para tirar d'ali o sentido.

⁵ *Desingulando* — dissimular, evitar. Cfr. Gil Vicente, I, 141 e III, 217.

⁶ No original: *cas*.

RATINHO. E' melhor estares cá.
 DUARTE. Eu não estou nem cá nem lá,
 425 e porque o remedio tarda,
 nem por mim nem pela albarda
 não sou.

RATINHO. Ella te verá.

Nem te dêes tanta canseira,
 nem na soffras toda inteira;
 430 que se teu mal se descarna,
 pode-te saltar em sarça
 e morrerás de coceira ¹.

DUARTE. Cuidar n'ella me consume.

RATINHO. Não cuides tanto no cume.

DUARTE. E que presta a dôr singela'?

RATINHO. 435 Tirar o testo da panella
 que senão vá pelo lume!

DUARTE. Deixemos agora estar
 minha dôr e meu pesar.
 Como fica lá essa terra?

RATINHO. 440 Em paz fica, porque a guerra
 em mim só se foi cantar ².

DUARTE. Minha Mãe e minha Tia?

RATINHO. Uma carta te traguia
 mas com'eu não vim começo ³,
 445 parece que n'algum rego
 me cahiu com alegria.

¹ *Coceira* — comichão, derivado de *coçar* do lat. vulg. *coctiare*:
 Cfr. *Auto das Regateiras*, pag. 82. «O mundo he como *coceira*, se
 bem nelle contemplaes. Folgães quando vos coçaes, e arde-vos na
 derradeira».

² Chantar — plantar — pregar — fixar.

³ Começo — em mim.

Uma camisa me deu
 tua irmã do alqueidão ¹.
 Também me cahiu da mão.
 DUARTE. ⁴⁵⁰ Vae-te d'hi, pera sandeu!
 Não morras d'essa feição ².

Olha que é grande peccado
 morreres desesperado,
 pois nem adro nem egreja
⁴⁵⁵ poderás ser enterrado ³.
 RATINHO. Não, que eu folgo que assi seja ⁴.

N'esta dôr que me atormenta
 e pera que mais forte a senta
⁴⁶⁰ n'ella me mando enterrar,
 e as lagrimas que eu chorar
 serão a minha agua ⁵ benta,
 e o hyssope o suspirar.

DUARTE. Vae-te d'hi, vamos comer;
⁴⁶⁵ pera que querer morrer?
 Não te mates d'esse geito
 nem tomes tanto a peito
 o que não podes soffrer.

¹ Alqueidão deve ser, provavelmente, nome do logar em que vivia a irmã. Cfr. Gil Vicente, I, 179: *guardar bois no Alqueidão*. — Vid. Sousa — Vestigios da lingua arabica.

No Lumiar ha uma travessa do Alqueidão que conduzia ao Paço do Lumiar.

² Deve ser: *dess'afeição*.

³ Sobre a praxe dos suicidas e loucos de amor não serem enterrados em sagrado, escreveu D. Carolina Michaelis de Vasconcellos um estudo em *Zeitschrift für Romanische Philologie* (1892, vol. XVI, pag. 396-409). O seu titulo é o proverbio:

*Quem morre de mal de amores
 não se enterra em sagrado.*

⁴ No original: *casi seja*.

⁵ No original: *aygua*.

Oh triste, porque nasci!
 470 Quem nunca soubera amar!
 RATINHO. Outro tanto digo de mim.
 Tantos ais podemos dar
 que morramos eu e ti.
 DUARTE. Acaba. Vamos jantar ¹.

(Vão-se, e diz o Autor):

AUTOR. 475 Vós quereis tornar a entrar?
 REPRESENT.^{OR} Está galante! Entrarei.
 AUTOR. Sabeis, Senhor, que farei?
 REPRESENT.^{OR} Que fareis?
 AUTOR. Não vos rogar.
 REPRESENT.^{OR} Com isso m'enforcarei!

480 trouxe eu este auto aqui,
 não é muito maravilha,
 com mantilha e sem mantilha ²,
 Sabei que vos entendi.
 AUTOR. Não, eu jaço-vos na trilha ³.

REPRESENT.^{OR} 485 Não se vá a «buenos dichos» ⁴;
 eu vos conheço mui bem.
 AUTOR. E vós conheceis ninguem
 senão dous pares de michos ⁵.
 A soberba que elle tem!

¹ Este verso deve talvez ser pronunciado por Duarte.

² Sem rodeios ou com rodeios. Estes dois versos encontram-se com sentido semelhante na *Pratica de Compadres* (edição de Alberto Pimentel, pag. 118).

³ Trilha — o rasto — os vestígios que deixou o que passou por algum lugar. — *Dar na trilha* (fig.) penetrar nos intentos de alguém, isto é: Bem vos enrendo.

⁴ «Buenos dichos» — palavriado. — *Não se vá a buenos dichos*, significa — não me convenço com palavras.

⁵ Micho — lacaio pequeno. Cfr. Gil Vicente, vol. I, pag. 188 e 179.

490 E mais e mais...
 REPRESENT.^{OR} Que mais?
 AUTOR. e mais sei que me entendeis.
 REPRESENT.^{OR} Passo, que vós acraaes ¹.
 AUTOR. Mui bem sei que m'alcançaes
 se vós sois o que dizeis.

REPRESENT.^{OR} 495 A' fé de me isso dizerdes
 como sahirnos lá fóra?
 AUTOR. Lá fóra? — E aqui agora,
 E mais onde vós quizerdes.

REPRESENT.^{OR} Desafio, eu não n'ó aceito,
 500 estaes do vinho tolheito
 agora fresco do torno,
 e está a lua sobre o forno
 testemunhado no feito ².

AUTOR. Vós mentis pera sandeu.
 REPRESENT.^{OR} 505 Mais mentis vós, dom cabrão ³.
 MATHEUS. Ora não hajaes paixão!
 Dono. Não t'ó hei de soffrer eu!
 Oh mundo, e como és vão!

Senhores, podeis-vos ir,
 510 que não quero vosso Auto.
 O homem ha de ser cauto
 no que se pode seguir.

Metti-me em boa devasa;
 trazer ruidos a casa
 515 comprados por meu dinheiro!
 eu adivinhei primeiro
 esta redoudice rasa.

¹ Acráaes — aclaraes.

² Talvez *testemunhando*.

³ No original, *dū cabrão*

A graça está delicada,
 não se pode mais cuidar ;
 520 prazer que me ha de custar
 vir pela ponta da espada,
 va-o quem quizer comprar !

IGNACIO. Deixe-os Vossa Mercê já
 fazer, pois que cá estão,
 525 e mais parece rezão,
 e tambem não ficará
 essa gente toda em vão.

Dae por feito o máo recado,
 pois não ha quem dê cinco ¹.
 DONO. 530 Parvoice com afinco
 soffrer-se, é grande peccado.
 IGNACIO. Não se entende no tal brinco.

Não se fazem autos a Papas
 com arruidos, com trampas ²?
 535 e a Reis e Emperadores?
 Esses são grandes senhores
 e tem maiores solapas ³

e alargam mais as redeas.
 MATHEUS. Oh não sejaes tão delgadiaz ⁴!
 540 nunca fostes em Italia ⁵
 onde se fazem comedias?

¹ *Dar cincas* — perder cinco pontos no jogo da bola. Errar. Não ha quem não dê cinco = Não ha ninguem que não commetta erros.

² *Trampa* — (ant.) engano doloso. — Aqui deve ser *Trapa* — cova de armar ás feras — armadilhas. Vid. *Pratica dos Compadres*, edição Pimentel, pag. 98 e 100.

³ *Solapa* — cova — tapada que se não vê.

⁴ *Delgadiaz* — é termo escuro. Nem rima com Italia. Talvez: *Algalia* — almiscarado, requintado.

⁵ Só com o acento agudo no i, *Italia* pode rimar com *delgadiaz*. E' verdade que o Chiado nem sempre era muito escrupuloso na metrificacão ou nas rimas.

Ora ouvi-me uma grandeza
 que vi dentro em Veneza :
 vi que se representou
 545 uma scena que durou
 seis horas. E por certeza
 e mais ninguem se enfadou.

Alli vi quatro arroidos
 onde foram mil feridos,
 550 outros tantos espancados.
 Uns em pé, outros sentados,
 estavam sem ser ouvidos,
 porque sam bem ensinados.

Aqui não é necessario
 555 alegar com El-Rei Dário ;
 mas nós, dous bichos, dous nada,
 fazemos mais matinadas
 que gralhas em campanario.

IGNACIO.

Para que é mais arguir ?
 560 Já que os mandastes vir,
 não se vá deital-os fóra.

DONO.

Faça-se o Auto, embora ;
 porque eu não o quero ouvir.

Autos é devassidão
 565 da casa, e mais da pessoa ;
 autos é uma confusão,
 sem nenhuma concrusão,
 e desgostos, que nada sôa.

Auto é não terdes pazes
 570 com matantes, com rapazes,
 com embuçados em casa ;
 é uma deshonra rasa
 que só entendem capazes.

Soffrer auto é cousa feia
 575 porque é estardes em caldas ;
 vel-o-hei em casa alheia
 sobre muito boa ceia,
 posto em cadeiras de espaldas.

Auto entre trinta amigos,
 580 ou cento, soffrer-se-ha ;
 mas outros de entrarem lá
 com quebrar portas, postigos,
 este tal não se verá.

Mui bem se pode viver
 585 sem ver auto nem autinho ;
 pão, carne, pescado e vinho ¹
 isso só queria eu ver,
 porque isto anda o caminho.

IGNACIO. Todo isso vos confesso,
 590 mas ha de se passar tempo.
 DONO. Passar tempo com tormento,
 Senhor, é mui mau processo,
 e alem de processo vento.

IGNACIO. Oh ! mande que entrem senhor.

595 Comecem de vir. Autor !

AUTOR. Temos cá tudo entornado.

DONO. Por quê ?

AUTOR. Porque está arrufado
 nosso representador.

¹ Allusão ao proverbio que diz : «Pau e vinho anda caminho — que não moço garrido».

MATHEUS. Nunca já temperaremos
 600 isto, é processo infinito.
 Não sabe algum o seu dito ¹ ?
 AUTOR. Senhor, não.
 DONO. Rogar-lh'o-hemos.

AUTOR. Rogue-lh'o Vossa Mercê,
 que eu não lhe hei-de fallar n'isso.
 DONO. 605 Eu cahirei n'esse comisso ²
 por hoje, pois que assim é.

Senhor, vós haveis de entrar
 Já que n'esta casa entrastes;
 e já que vós nos honrastes,
 610 não nos queiraes aggravar.

REPRESENT.^{OR} Pois Vossa Mercê m'o pede,
 fal-o-hei, pois que cá vim.
 DONO. Seja por amor de mim.
 REPRESENT.^{OR} Já vou, pois cahi na rede.

(Torna a representar)

615 Assim que, tornando ao thema,
 sei que a muitos dei no goto,
 e não lanço em sacco roto
 o pera onde cada um rema,
 mui desviados descoto ³

620 Uns fazem d'oitava rima
 sem saber a que se arrima,
 e outros vereis que limam
 gram parvoice cadima,
 que outros ⁴ com elles estimam...

¹ *Dito* — papel. — «Não sabe algum o seu dito? isto é: Não sabe o papel d'elle?»

² *Comisso* — infracção de dever — peccado. Vid. *Pratica dos Compadres*, edição Pimentel, pag. 112.

³ *Escoto* por *escote*: pagar de escote é pagar a sua quota parte.

⁴ No original: coutros.

(Dirão os matantes):

625 Boa figura! Boa figura!

REPRESENT.^{OR} Isto não se soffrerá.
Mandae calar, fallarei;
se não, zombem, qu'eu me irei,
e o autor tambem se irá,
630 pois que aqui se usa tal lei.

MATANTES. Boa figura! Boa figura!

REPRESENT.^{OR} Tem-me encerrado velhices
d'alguns que com tredorices,¹
vos dão a entender que zombam,
6.5 e elles não veem que arrombam
todas suas parvoices.

E ainda outra coisa tendes
que estes galantes palhastrós,²
Não são Menezes nem Castros
640 Se não uns Etcetera Mendes.

(Aqui batem com os pés os matantes).

DONO. Calae-vos! Ouvir-vos-hemos³.

REPRESENT.^{OR} Senhor, estou deshonorado;
e demos por acabado
o meu dito⁴, e acabemos.

IGNACIO. 645 Não sejaes tão agastado:

¹ *Tredorices* — o mesmo que *tredice* — traição — actos de traidor.

² Erro por *Polhastrós* — rapagão — azevieiro — maganão.

³ No original: *ouuirnos*.

⁴ *O meu dito* — o meu papel.

DONO. O que me elle agora sente!
Deixae-vos que zombam e batem.

REPRESENT.^{OR} Agora que m'ò mandaes,
a mim não me lembra mais,
650 nem direi mais, que me matem,
nem vós de mim mais queiraes.

(*Sahe-se Gonçalo Braz* ¹ *e Pero Gil, villões, e diz*):

GONÇALO. Sois vós esse, Pero Gil?

PERO GIL. Oh Gonçalo Braz Gallego!
Onde é a ida?

GONÇALO. Dou começo
655 no casal de João Sotil.

PERO GIL. Tem gram festa Sua Mercê.
Bem. Porquê?

GONÇALO. Casou a filha.

PERO GIL. Com quem?

GONÇALO. Com um ² rapaz da ilha;
Não n'ò conheço, bofé!

660 Mas como tenho alcançado,
dizem que o pae lhe tem dado
o prasmo ³, e mais a zenha
e o olival, porque tenha ⁴
tudo dentro n'um cerrado.

PERO GIL. 665 Eu ouvi já remorder
a pessoa que é de crer,
que cahira ella em comisso ⁵.

GONÇALO. Não diria ninguem isso
nem era pera dizer.

¹ No original: *Gõçalo e Bras*.

² No original: *cũ*.

³ Prasmo, por *praz-me*, isto é, *parabens*. Em outros textos significa — beneplacito, consentimenro, aprovação.

⁴ No original: *tenho*.

⁵ Cahira em comisso — fôra deshonestada.

670 Se ella não sahia fóra
 senão ao mato e á fonte
 que estava logo defronte,
 pera que é mentir? Má hora!

Nem deveras nem de jogo
 675 se fie ninguem de lingoa;
 que onde o ser da lingoa mingoa
 lhe sobeja ser de fogo.

Pero Gil, é todo graça
 sabei que ha lingoa de traça ¹.
 PERO GIL. 680 Lá se haja ² ella consego!
 se outro boi lavrou o rego
 muito boa prol lhe faça!

Ainda que lhe elle ache
 menos a principal peça,
 685 dou-vos á fé que lhe esqueça
 com uns pozinhos d'um avache ³.

Já não rodeia ninguem
 por virtude uma só legoa.
 Casa o asno com dona egoa
 690 polo dinheiro que tem.

¹ *Lingua de traça* -- o mesmo que lingua viperina.

² No original: *so aja*.

³ *Avache*. — No Dicionario de Moraes encontra-se: *avache* ou antes *aveche*, palavra composta do imperativo *have* e da particula italiana *ce*, significa *toma lá*: «mais vale hum avache que dois te darei». Eufr. I, 3, f. 35 v.

D. Carolina Michaëlis opina: «*Avache* — vocabulo sobre cuja pronuncia a rima *ache* nos elucida — finge ser *augmentativo* de *ave* — passarola grande. Mas no fundo é corrupção burlesca da formula *ave. che — habe tibi* = toma lá. O proverbio existe em todas as linguas. Francez: *Mieux vaut un tiens* que deux tu l'auras. Allemão: *Ein Hab — ich ist mehr wert als in Hätt' — ich*.

O simples *ave — habe* é frequente em Gil Vicente (Vol. III, 329 *ave só*, 333 — *ave mercê*).

- Mas deixemos isto estar,
 porque vos quero contar
 o que passei com o juiz:
 veio-me a mosca ao nariz.
- GONÇALO. ⁶⁹⁵ Inda vos não quer deixar?
 PERO GIL. Eu não sei que mal lhe fiz.
- GONÇALO. Entendestes vós provar
 o libello?
- PERO GIL. Já se viu.
- GONÇALO. E o juiz com que sahiu?
 PERO GIL. ⁷⁰⁰ Sahiu per elle apellar.
 GONÇALO. N'isso só vos destruiu.
- PERO GIL. Não sei por hu ¹ entre agora.
 GONRALO. Pedi cartas pera fóra;
 Carregae de dilação;
⁷⁰⁵ Suspeitae o escrivão!
 PERO GIL. Issó quando?
 GONÇALO. Logo ess'hora,
 porque os procuradores ²
 juizes e escrivães
 não perdoam suas mães,
⁷¹⁰ em que venham pregadores.
- GONÇALO. Doença é, que não sara.
 PERO GIL. Irra! Fóra! Vá de pulha;
 justiça que faz barbulha
 fará cajado da vara.
- GONÇALO. ⁷¹⁵ Vós achareis escrivão
 que é de cantaria falsa,
 e mette sua alma em balsa ³
 por ripar ⁴ o que lhe dão.

¹ U — do lat. *ubi* — onde.

² No original: *procoladores*.

³ *Balsa* — silvado, — mata cerrada. — No original: *sus alma*.

⁴ *Ripar* — furtar — agatanhar.

Mas pode ser que no fim
 720 no castilho de Belcaide ¹
 que seja preso o Alcaide
 pelas mãos do beleguim ².

Havei todavia o feito
 das mãos do leenciado.

PERO GIL. 725 Tenho um engano armado.

GONÇALO. Quejando? ou de que geito?

PERO GIL. Por onde cuida que atalha
 per alli faço a batalha,
 e praza a Deus que não quebre.

GONÇALO. 730 Que tal é?

PERO GIL. Aquesta lebre
 ou pelle cheia de palha.

GONÇALO. Mui galante está a novella,
 mas como a fareis singela?
 haver-lhe-heis o feito á mão?

PERO GIL. 735 Darei-lhe a lebre, e então
 lá se haja ³ elle com ella.

GONÇALO. E que lhe direis então?

PERO GIL. Por força o hei de enganar
 por mais que seja pervisto
 740 direi-lhe: «palhas é isto,
 para o que lhe hei de dar».

GONÇALO. Vamos lá, quero ir ver
 tamanha graça com'essa.

PERO GIL. Ora sus! vamos depressa!
 745 que são horas de comer.

¹ Ha aqui evidente allusão a um romance popular relativo ao Castello ou Alcalá de Belcayde (no reino de Valencia), afamado no tempo da reconquista de Affonso X.

² Reminiscencia de varios proverbios, entre os quaes «Prendeu-me o Alcaide, soltou-me o beleguim».

³ No original: *la so aja*.

(Vão-se estes e entra o Escudeiro e seu moço e diz):

ESCUDEIRO. Como isso está singular!
é assi que o sobredito
não quiz dar por meu escripto?
ora deixae-vos estar.

Moço. ⁷⁵⁰ Por estas, que hei-de viver
como cossairo ¹ e escasso. ²
Vossa Mercê é devasso!
não n'ó estimam, isto ha de crer,
tenha em si mais compasso.

ESCUDEIRO. ⁷⁵⁵ A muita conversação
com necios é mau avesso ³
porque fica em menos.
Falas mera discrição!

Moço. ⁷⁶⁰ um bargante, que lhe fiz,
amizades endiabradas
e me deve inda, a ousadas ⁴,
o que eu callo.
Elle o quiz.

ESCUDEIRO. Meu Primo Ayres d'Ourem
que fazia? Estava ahi?

Moço. ⁷⁶⁵ Quem?

ESCUDEIRO. Meu Primo.

Moço. Senhor si!

ESCUDEIRO. Com quem estava?

Moço. Com ninguem.

¹ *Cossairo* — que anda a corso, que rouba a amigos e inimigos.

² *Escasso* — parco, acanhado em dar.

³ *Avesso* — damno, mal. No original, *aveso*, que pode ser *avezo* ou *avesso*.

⁴ *A ousadas* — certamente, em verdade.

ESCUDEIRO. E pois viste-lhe tu geito
de vir?

MOÇO. Estava na palma.

ESCUDEIRO. Sabes que me desencalma?
770 poucas palavras, e feito,
porque este é o manjar d'alma.

MOÇO. Agora quando eu vinha
estava a sua Varela ¹
lá de dentro da janela.

ESCUDEIRO. 775 Viste-a? Por vida minha

MOÇO. Bem perto estive eu d'ella.

Escudeiro. Dize, rogo-te, fallou-te?

MOÇO: Não. Estava ahi a madраста.

ESCUDEIRO. Essa bebida me agasta,
780 que assi foi est'outra noite.

Se eu hoje por tua industria
fallo a essa rapariga
tens de mim...

MOÇO. Quê?

ESCUDEIRO. Esta figa!
pois que queres que t'o diga?

785 Os meus altos ² de setim?
Que mais ques ³? ahi os tens.

MOÇO. São altos de baixos vens
d'Aljubarrota a Çafim ⁴.

¹ *Varela* — significa, no portuguez antigo, templo da India ou pagode. Tambem mosteiro. Tomando o continente pelo conteudo, o auctor quiz dizer: a sua *divindade* — a sua beldade — a sua namorada.

² *Altos* — calções.

³ *Ques* — abreviatura popular de *queres*.

⁴ N'estes dois versos 787-788, o Moço regeita desdenhosamente os *altos* (calções) com dois trocadilhos:

São altos que vem de baixo
De aljuba rota e Çafim = safados — muito gastos

- ESCUDEIRO. Nunca agradeceste nada.
- MOÇO. ⁷⁹⁰ Os muslos ¹ me dão no goto!
de uma parte os cerca roto,
de outro, graxa tajada ²!
- ESCUDEIRO. Ai de pucha! Que piloto:

sois muito sujo bargante
⁷⁹⁵ e mais desavergonhado.
- MOÇO. Bem pareço seu creado.
- ESCUDEIRO. Não vamos mais por deante.
Calae-vos.
- MOÇO. Já estou calado.
- ESCUDEIRO. Tens tu mais honra de teu
⁸⁰⁰ que seres creado meu?
- MOÇO. Tem Vossa Mercê rezão.
- ESCUDEIRO. Pois porque fallas, villão,
ingrato, parvo, sandeu?
- MOÇO. Sandeu não, mas parvo si,
⁸⁰⁵ que me conheço d'aqui,
presente Vossa Mercê.
- ESCUDEIRO. Saibamos isso: porquê?
- MOÇO. Porque sei que me perdi.
- ESCUDEIRO. Perdido estaes vós comigo?
- MOÇO. ⁸¹⁰ Não estou se não ganhado
com o principal privado
que El Rei tem, bofé, meimigo,
perdei-lhe vós o cuidado.

¹ *Muslos* — Nome castelhano dos calções.

² Estes dois versos 791-792, são a parodia de dois versos afamados de um romance castelhano del Cid, ou mais exactamente de um dos que tratam do cerco de Zamora. Na descripção d'esta villa forte se diz: «De una parte la cerca el Duero, *de otra peña tajada*. Vid. Duran Romancero, N.º 763.

Vid. D. Carolina Michaëlis, nos *Romances Velhos em Portugal*, pag. 49.

ESCUDEIRO. Tu villão, todo és mysterios,
 815 tenho logo quem tem tudo,
 quem manda grudo ¹ e miudo,
 os mares e os imperios,
 e faz doudo do sisudo!

MOÇO. Isso com que subtilezas?

ESCUDEIRO. 820 Grangeo suas nobrezas,
 con gram gloria o faço crer,
 que elles são pera reger
 quatrocentas mil Venezas;

e que o Reino sem elles
 825 não val nada; e que elles são
 os que tem em tudo mão;
 então não cabem nas pelles
 com gabos d'esta feição.

Tambem tenho outras grades ²,
 830 que ainda que ellas não fallem,
 suas raposias ³ valem
 mais que refinas verdades.

MOÇO. A isso não ha caso forte;
 bem diz que vontade é vida;
 835 como a rezão é perdida,
 com ella se perde o norte,
 e tudo vae de cahida.

¹ *Grudo* — contracção popular de graúdo. Vid. *Pratica dos Compadres*, Ed. Pimentel, pag. 97. — Tambem se dizia *udo* e *miudo*.

² No original lê-se: *grãdes*.

³ *Raposias* — manhas.

ESCUDEIRO. Eu não quero mais privança
que saber-me El Rei o nome.
MOÇO. ⁸⁴⁰ Melhor fôra «avache» e nome
que ter tão vã esperança,
este meu conselho tome.

ESCUDEIRO. Deixemos ¹ agora estar
o vosso interpretar,
⁸⁴⁵ já sei que sois avisado.
Sabeis que trago em cuidado
de bem vos aproveitar,
vivei muito descansado.

Já vos acrescentei a capa ;
⁸⁵⁰ então quem a tem escapa
a muitos inconvenientes ;
desenfadae-vos em mentes ²,
até que eu ache solapa ³,

servindo vossa mercê.
⁸⁵⁵ Juro-lhe por vida minha
de lhe haver uma escrivaninha ⁴
para os reinos de Guiné
onde se enriquece asinha ⁵.

Quando tão mofino fôr
⁸⁶⁰ que me falte o atambor,
então n'aquella barcagem
haveremos grumetagem ⁶
pera a Mina ⁷ que é melhor,
e ireis mais de ventagem.

¹ No original: Dexemos.

² *Em mentes* — (loc. adv.) no entretanto.

³ *Solapa* — cova tapada. Aqui significa um *emprego*.

⁴ *Escrivaninha* — officio de escrivão.

⁵ *Asinha* — depressa.

⁶ *Grumetagem* — os grumetes do navio. Aqui, lugar de grumete.

⁷ *Mina*. — Costa da Mina. Africa Occidental.

865 Mette-se homem com estes grandes,
 porque elles poem o despacho.
 Moço. Se isto páre filho macho ¹
 eu me rirei de mais frandes ².

(*Entra o primero ³ com os cantores e diz*):

PRIMEIRO. Quem é? da parte de El Rei!
 ESCUDEIRO. 870 E' uma pessoa ⁴ presa.
 PRIMEIRO. Trazeis seda que é defeza ⁵?
 ESCUDEIRO. Se a trago, tel-a-hei.

Sabei que vivem comigo
 os alcaides e meirinhos;
 875 e se bolem cruzadinhos,
 por aquel viejo postigo ⁶
 me vão fazendo caminho.

PRIMEIRO. E pois isto onde hade ser?
 ESCUDEIRO. Senhor! Aqui n'este canto.
 PRIMEIRO. 880 Oh! N'este canto, está santo ⁷.
 Comecemos sem deter.

(*Aqui dão a musica tangendo e cantando e acabando diz a velha*):

VELHA. Bem! E d'onde resurgiram
 estes musicos vadios?
 Andae lá ter amorios ⁸
 885 com as mães que vos pariram.

¹ Parir filho macho. — E' uma phrase geralmente usada para significar: dar bom resultado.

² *Frandes* — *Flandres* — em sentido figurado — fortuna, boa sorte.

³ *Primero* — talvez: primeiro musico. Chefe da musica.

⁴ No original: *persona*.

⁵ Estava prohibido o uso da seda.

⁶ Por aquel viejo postigo. — E' o principio d'um velho romance.

Vid. D. Carolina Michaelis, *Romances Velhos*, pag. 57.

⁷ Está santo — isto é: está muito bem.

⁸ Amorios — amores.

Tomados das más estreias,
bargantes que andam em bando,
cada noite difamando
aqui das filhas alheias.

890 Então co seu musicar
cuidam que hão de alcançar
o que querem e desejam?
Mas nunca os olhos lh'o vejam!
saber-lhe-hia a rosalgar ¹.

ESCUDEIRO. 895 Senhora! a vós da janella...

VELHA. Andar d'hi ², má hora! e n'ella,
patifes mal ensinados,
ladroaços, esfaimados!

ESCUDEIRO. Amanae ³ vós mais as vellas.

VELHA. 900 Que chamaes vós amainar?
Mandar-vos hei hi tomar
por dous pares de ratinhos
que vos quebrem os focinhos.

PRIMEIRO. Isso é muito fallar.

VELHA. 905 Os alcaides e meirinhos

e tambem os escrivões
andam por outros caminhos,
vão prender embuçadinhos
e deixam estes ladrões.

910 Deixae vós amanhecer
que, ou eu pouco ⁴ poderei
ou me irei aos pés d'El Rei.

ESCUDEIRO. E que lhe haveis de dizer?

VELHA. Não me ensineis, que eu o sei.

¹ *Rosalgar* — oxydo de arsenio, mata-ratos — peçonha, veneno.

² *Andar d'hi* — ponham-se a andar!

³ Deve ler-se: amainae vós mais a vella. — Isto é, sêde moderada-

⁴ No original: *pucó*.

ESCUDEIRO. ⁹¹⁵ Dir-lhe-heis que quero casar
sómente com vossa filha;
e casar não é maravilha.

VELHA. Melhor a espero empregar.

ESCUDEIRO. Eu sou creado d'El Rei,
⁹²⁰ e mais comigo trarei
quem diga que isto é meu.

VELHA. Perguntae a Bertolameu!
pouca vergonha sem lei.

ESCUDEIRO. Senhora! Não me ouvirá?
⁹²⁵ Ouça-me, que não é furto.

VELHA. Lá vos mando esse meu curto ¹,
esse vos responderá.

ESCUDEIRO. Velha ruim, descortez;
dá-lhe que eu te ajudarei.

VELHA. ⁹³⁰ Aqui d'El Rei! Aqui d'El Rei!
levae esta d'esta vez.

(*Aqui fogem e diz Ignacio Pacheco*):

IGNACIO. Canta-se a gloria nos fins ².
Mas para encurtar razões
Autos são como melões
⁹³⁵ uns são bons, outros ruins,

todavia queria antes
que fossem melões d'Abrantes ³,
porque duas coisas tem:
são finos e sabem bem.

MATEUS. ⁹⁴⁰ Sois o cume dos galantes,

¹ *Curto*. — E' possível que queira significar o pequeno tóro que fazia parte do *mangual* — arma dos berberes e arabes que consta de um pau comprido a que se prendem pequenos tóros atados, os quaes no combate elles descarregam sobre o inimigo.

² Proverbio: «No fim é que se canta a gloria».

³ Os melões de Abrantes são gabados tambem na *Pratica de oito Figuras*, edição Pimentel, pag 30.

eu sou d'esses enganados.
Sabeis que tres cousas são:
autos — pregador — melão,
não se soffrem rezoados ¹.

⁹⁴⁵ Bem se pode dar parelha ²
á dita farça singella,
que sómente fallar n'ella
me punha a bocca na orelha.

Tinha-a por cousa medonha,
⁹⁵⁰ mas ella foi enfadonha
em alguns passos, Senhor,
e então cuida o autor
que em toda graça se enfronha.

Tomada assi em geral
⁹⁵⁵ não é de todas o cume;
todavia tem chorume ³
de discreta e natural.

IGNACIO.

Não é como ótros que vi.
Digo por alguns coprantes ⁴
⁹⁶⁰ que trazem os consoantes
pelos cabellos alli
e presumem de galantes.

Vós achareis coprador
que vos traz com calçador
⁹⁶⁵ o consoante ao balho,
o qual leva mais trabalho
que cavar o peccador.

¹ *Rezoados* — (de arzeoar) — allegar razões a favor ou contra — letigio.

² No original: parelhas.

³ Chorume — substancia.

⁴ *Coprantes* — os que recitam coplas. Copla — quarteto de versos, endecasillabos ou octonarios, consonantes ou assoantes.

Mas todavia foi rasa
a obreta, de respingo ¹.

MATEUS. 970 Cito-vos para domingo
para um auto em minha casa.

DONO. E o autor que coisa é?

MATEUS. E' um tirado da peça!

DONO. Feito de sua cabeça?

IGNACIO. 975 Vel-o-ha Vossa Mercê;
e vá-se lá, não lhe esqueça.

D'aqui fico trebutario
do Senhor Gomez da Rocha.

DONO. Vossas Mercês querem tocha?

IGNACIO. 980 Senhor! Não é necessario.

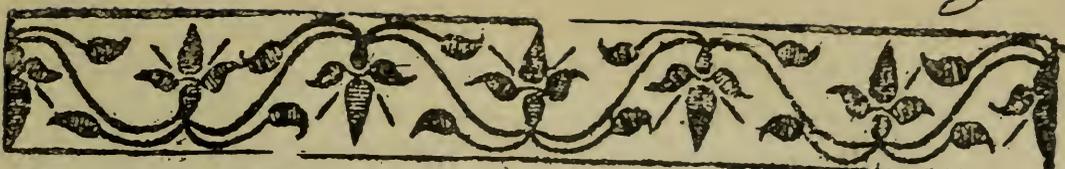
FIM

¹ *Respingo* — Esta palavra encontra-se tambem na *Pratica das oito Figuras* (edição Pimentel, pag. 38, onde se diz: sois vigario de Respingo).

FAC-SIMILE

DO

AVTO DA NATVRAL INVENÇAM

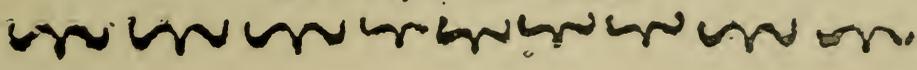


AUTO DA NATURAL INVENC, A M.



Auto feyto por Antonio Ribeyro Chiado, Chamado,
Natural inu enção. Representado ao muyto
alto Rey Dom Ioam Terceyro.

- * Interlocutores. O Dono da casa, Almayda seu moço, Mateus *
- * Darsujo, Inasio Pacheco matantes. O Autor do Auto *
- * Hum Negro: Hum Representador, Hum Ratinho. *
- * Duarte seu Primo, & dous Vilões, & hum Es- *
- * cudeyro com seu moço, & hum seu *
- * Primo, & húa Velha. *



Dono.

Almeida. al. senhor. do. vê ca
sabe se ha detamar porto
oje este auto, ou se he morto

Almeida.

E o autor onde esta.

do em cas de teu auo torto
ou marmelo pella perna
quem por rapazes gouerna
sua casa, he mais rapaz
& rapaz que trato traz
com quem a malicia iuerna
Que temandey todioje.

al. que mandou vossa merce
do ja nada pois que así he
nãõ mande Deos quatenoje
daquãante me deu
por de vossa senhoria
mandarme do jeste dia
zombay de mi que aqui estou
E pera encurtar rezões
digo q com vosco viu
sam catiuo de catiuo
escrauo dos meus ladrões
dizey senhor caualeyro
meu duque meu tisoureyto
que me viestes dizer

al. que o hãuiam de fazer
em duas casas primeyro
& que se fazia qas dez
atee as onze a mais tardar

do. E per força ey desperar
vintoras em que me pes
isso parece zombar
colũme por miãba dor

esse esta galante rir
parestas que maa douuir
eile rapaz do autor

Outra hora eu serey cauto
oo landia openião
que vou ey dar dante mão
dez cruzados por ver auto
porque nãõ me açoutarão
vee que m estaã ahí batendo
al. matantes que queren entrar
do que sam al. nãõ querẽ fallar
do. Batam que bem os entendõ
agora mey de vingar
Eu ja nunca fuy deuoto
quanto de meu proprio voto
dautos al. tirão aa janella
do. dame ca lãã rodella
veras como tos enxoto.
inda vsas de mais tretas
gådayuos nãõ façais gretas
por onde vejays a luz
do lume dhum arcabuz
que em vos fara monetas.

A qui batem rijo.

do. Quem me bate nessa porta
Mateus Daraujo.

Dous grãdes seus seruidores
do. ha senhores, ha senhores
isso me tem a alma morta.

Ignacio Pacheco.

Senhor lo q abrais que temos
a do vascõ de tayed. dõ. hihihi
yna ora embora senhor ride
zõbays tambẽ zombaremos
do. Riõne de lãã doudice

assaz comesta da traca
fazer eu da casa praça
pode ser mor paruoyce
podele conta por graça
senhores podem subir
se mandarem tem assentos.

mat. guardeli seus cóprimetos,
da qui queremos ouuir.
do. la conheço, ja conheço
no tecubras con el manto
& vos sabieys me tanto
fospeiteyo no começo

yna. Todavia nos estamos
reays no dissimular
do. como vos ouui falar
logo vi que eram estremos
ora enfim daynos lugar

mat. Sabeyz quem tendes alli
gente do quem me escondi
Lucas caçoto pereyra
& Ayres gomez trey xeyrs,
& dom Anriquinho ouui
esta nessa rua gante
que pera coalhar os mares.

do. Elles reram pellos ares
yna. não sey que autos cófente
do. Ven quatro vossos amigos
da vossa honra enemigos
damizade que nam presta
vejamos auto esta festa.

& nam olham os perigos
dhua afronta tal comesta
mat. Onde nos assentaremos
do. venham pera o meu estudo
era o mesmo acertar tudo.

yna. Mas aqui esperatemos
o auto. mat. modo seludo
eiles ja nam tardaram.
do. Sabese que horas iam
yna. passara das dez agora
do. quanto passara. yna. mea ore
do. inda vem a conjunçam
ma. Como os autos sam de vete
sobre o seu nienos deter
se pode muy bem beber
esse mar de enfadamento
yn. Autos tem esta rapazia
q os desdoura, & nã he nada
que albardam de madrugada
& partem ao meo dia.

Bate o autor, & diz.

an. Dizey que venham abrit
que achada he a Alleluia
do. Oo, oo, outra suya
muyto galante fingir
chamayme ca esse autor.
alm Oula autor. aut. eylo vay.
do. quedelle. aut. eylo vay
que temos. aut. may bo lsuor
do. que das figuras, vem ja
aut. aqui estão nam pode entrar
do. porq. aut. nam lhes da lugar.
do. arredayuos pera la
olhay que não entrem mais
que ás figuras tomente
porque se trauxerdes gente
assentay que me agrauaes,
a casa não no consente
Que entra logo. au. a canãra

com todo seu aparato
do. nella se agasalha o fato.
aut. Senhor si nella se alastra.
do. & qué mais, bo. arredaiuos.
aut. Os vilões. do. entré embora
aut. Fica húa figura fora:
do. Cagay nella, & enforcayuos
A porta não na abrirey
porque entraraa tui bamulta
& parece isto consulta:
de mais longe, apostarey
qué vé mais. aut. o escudeyro
do. pois q̄ faz la. au. ha vergonha
do. ma vergonha se lhe ponha
entre acabe esse ronçeyro
Sus senhores arrimar
cada hum. tome seu lugar
com todos os seus encargos
se o auto não. tem. embargos
pode muy bem començar.

Autor.

Senhor ham se aqui mistet
duas cadeyrinhas rasas
do. Mas pedi pera o anjo azas
& so asahi não ouer.

Autor.

Mande logo alevantar
dous de trinta que ahi estão
que merecé estar no chata
& ho o seu proprio lugar.
do. Vos tendes muyta rezam
Yuos não tomeis canseyras
que eu as térey, descanlay
Senhores determinay
de me dar duas cadeyras

senam daqui pérdoay
& manday alevantar.
neg. Eu ja não faço aqui nojo
do. Outro de mais alto bojo
ma oje de perdoar
O descaiso que elle tem
a cabay alevantaiuos.
neg. Oo senhor desagastayuos
do. Zombais de mi estaa bem
neg. Cuidais q̄ tomais a garça
do. qué direi q̄ he o ébuçadinho
o beijo as mãos do negrinho
nam quero ver outra farça
Negro fora dos pios
soo em se cuydar he medo
se vos eu vira mais cedo
eu pulera cobro em vos:
neg. Ora senhor nam. zombeis
q̄ chamais cobro. d. negrinho
cobro quer dizer toucinho
se o vos não entendeis.
& mais hi. vossó. caminho.
q̄ Falalhe a orelha & diz o do
no da casa.
q̄ Vos figura nam no creio.
neg. pode logo preguntar
do. porque entraes
neg. para tanger & cantar
do. Sois negro Orfeo
nam creio que sois cantor
ha mo de jurar o autor
Isto que ro agora ver
& cyuos douin tanger
& mais cantar ni eu senhor
autor quereis ca chegar

SP

aut. q̄ me quer d. ná se e' parte
conteece este galante,
aut. sienhir que ha de cantar
do. mandaylhe vir hum d'icante
que isto ey deprimentar
ne. nam q̄ eu trago aqui guitarra
do. isso he lançar a barra
mais longe do que en cuidava
ma vejamos esta encraua
se jaz samente na a marra.

q̄ Aqui tange, & canta o N gr̄o
hum villanete, & acabado
diz o'dono da casa.
do. Dessa maneyra que que
eu sam o que tenho sayho
& vos senhor sentar raybo
perdoe vossa merce
vasse la pera as figuras
aut̄or comece a vir
bem se pode o negro ouvir
inda que cante aas e'scuras.
q̄ Entra o Representador.
rep. Os antigos costumauão
como lereys nessas rubricas
representar aas repubricas
por figuras o que vsauão
& ordenauam,
dos seis consules os quatro
que ouueste ay teatro
onde se representauam.
E nos dias feriais
era o tal sen exercicios
pera escular outros vicios
d'outras vicios de signais

que chydais.
era esta hua arte sobida
discreta, mas mal sentido
de necios irracionais
Hus lhe chamará comedia
outros representações
outros arremediações
& outros a soltas redias
tinham mil opiniões.
Outros de bayxa gramatica
que vos tédes e' por cantor
lhes forão por nome autor
outros ná senão q̄ he pratica.
Quem tal inuétou per regra
achou por saber celeste.
a altura de leste a oeste
da cousa que mais alegra
foy esta galantaria.
perdendo de dia em dia
como muy claro se vee
a qual ha mister que lhe dee
outra vez de sesmaria.
Sabeis a quanto mal veyo
esta muy sobida graça.
que se vende nessa praça
por quaesqr dous reis & meo
mas o bom comeo a traça.

q̄ Vem o Ratinho fogindo de
dentro, & o Autor apos delle
como hum pao, & diz o
Ratinho.

Aqui delrey, aqui delrey
aut. elperay pargaruosey
o caminho pois fallais
A iij

est. Ora bem porque me dais
que figi eu au. muy bé no sey
acabay andas per hi
& não me deis mais rezam
b'm não abasta. hū patacam
das pedras negras aqui
rat. Afe. controra nom faga
outra burrela comesta
tragner carrega de besta
& darem nie o pao por paga,
arrenego data festa
eu melino fuy malhadeyro
feu dissera a poja larga
quereis vos q̄ leue a carga
da ca. o dinheyro primeiro
poremdar dinheyro amarga
aut. O villam moeruos ey
que vos nam deixe osso sam
rat. Nostambem teremos mão.
aut. pera mi. rat. bofas nam sey
os Ratinhos nom sam moles
nem vos nam sois tá ereoles
quengulais asfi a gente
ora he muito certamente
muito ventam vossos soles
Cuydareys pella ventura
que sam algū Ioaõ da bouça,
rep. Porq̄ quereis que vos ouça
a gente que ia murimura
senhor, senhor daylhe quãto
vos pedir, porque bradafs
rat. Quero trinta reaes no mais
yrme ey da qui por entãto
aut. Oo que maõra venhais
rep. Daylhos & vasse crama

eston eu representando
& elles estam bradando
tal cousa não se crera
au. senhor vinde vos mais brádo
rep. Digo que não se ha de crer
tam inorine paruoice
he algua bebedice.
isto; ou que quer dizer
He auto de zombaria
ou he jogo de meninos
tem me morto maos ensiaos
& catina a cortesia
he muito grande madraço.
quem em autos he figura.
aut. como selle agora apura
vos vos metestes no laço
E nam vos mostreis tam fero
por que també vimos gente.
rep. vos buscay que represente
o meu dito que eu ná quero.
aut. Eu melino não sou contete
vos ja não representaes
fois figura por deinais
nem sabois o que dizeis
pois graça buscallaeis
que vos não na a se atentaes
rep. Eu confesso que sam frio
mas doutra cousa me rio
rat. Senhores pagame yrme y
aut. Vilam roim fai aos ey
acertar o arrio
& nam me deis mais repostas
acolheydos temporam
se não alegarnos ham
som sam paulo neccas colias,

rat por isso ha pouco pão
Credo que o mau pagador
he pior que pestilença
nem tem proximo né creença
nem tema. nosso lenhór
nem faz dos males pendença
pois diz la o cancanul
que benefecerunt ibá
na gloria pera que viuam
& os que mal, norte sul
dondeles cuydáo & estríbam
Folguem roubein te o cabo
náo tenham com nada conta
que la no dia da fronta
squi torce a porca o rabo
Náo pagué que laa yremos
onde tu do pagaremos
ficais q os q não tem capas
la nos ceos os faram papas.
& la nos entenderemos.

Entra Duarte primo
do Ratinho & diz:

duar. Ou primo. rat. praz.

duar. Dize rogote mangaz
porques tam desamorado
ca tres dias que chegou
& ná dizes estes empaz

rat. Bofas q nom som culpade
eu & Lourenço vínhamos
& o gámito da portella
espolo de madanella.

du. sancta Maria ca o temos

rat. pera ca moscou a vela
Vem vos elle mais preytes
que náo falla com ninguem

luar. Dize rogote aque vom
rat. a ganhar du boas estaas rez
a filha do sapateiro
he calada rat nom ainda.
duar. Oo que cachopa tão linda
q essa he rat & tē dinheyro
duar. Oo pesar de tal cómeço
tem dinheyro dizes tu
pode viuer o peru
com ella rat eu nom tonego
eu tiue grande vontade
de casar com a rapariga.

duar. Era grande tua ainiga

ra Era botec de verdade

se tu queres que to diga

duar. Pois agora te confesso

que lhe quero grande bem

& aquella somento tem

meu coraçam daremosso

chimpado peri alem

tem me tam preso a estaca

meus sentidos corporais

que nom me presta dar ays

porq com os dar mais fraca

sinto nalma & peno mais.

Estoutro dia a vi eu

a senhora de meu desejo

& cada vez que a vejo

fico mais catiuo seu

& nam lhe fallo de pejo

ella me disse, oo maluado

ja te vas, si quey finada

Senhora eu vos certifico

ca inda que parta fico

ca vos me sina sepultado

Despedime della entam
com saudoia payxam
& dores desperadas
& como as beyras talhadas
me chorou o coraçam
rat. Como vieste coyado,
dua. Eu vim a furto de mim
a culpa do meu cuydado
por engalhar minha fim.
Que seu loubera que vinha
viera eu triste mesquinho
saltarme no caminho
& por isso a payxam minha
me tomou viuo no ninho.
rat. Quanta se passa deffarte
eu ey do de ti Duarte
como podes com tal dor
dua. Olha matemie o amor
senão soo por saber parte
se soffrô eu o desfavor
rat. Como podes tu amar
desingulando a morte
que o bê querer he tam forte
cas pedras fara quebrar
eu mas q me mate & me corte,
rat. he melhor estares ca.
du. eu não estou ca nem laa
& porque o remedio taida
né por mi nem poilla albarda
não sou. rat. ella te veraa
Nem te des tanta canfeyra
nem na soffras toda inteira
que se teu mal se descarna
podete saltar em sarua
& morreras de coceyra

dua. cuidar nell me consume
rat. nam cuydes táto no cume,
du. E que presta a dor singella
rat. tirar o tello da panella
que se nam va pello lome
dua. deixemos agora estar
minha dor & meu pesar
como fica laa essa terra.
ra. Em paz fica, porque aguerra
em mim soo se foy chantar
dua. Minha may & miuha tia,
rat. hua cáta te traguia
mas comeu não vin começo
parece quenalgum rego
me cahio com alegria
Hua camisa me deu
tua yrmaã do alquey dam
tambem me cahio da mão
dua. Vayte di pera sandeu
nom morras dessa feiçam
olha que he grande peccado
morreres de desesperado
pois né em adronem igreja
poderas ser enterrado
rat. nam queu folgo casi seja.

Nesta dor que matormenta
para que mais forte a senta
nella me mando enterrar
& as lagrimas que e ucherar
feram a minha aygua benta
& o ylope o sospirar
dua. vayte di vamos comer
pera que queres trorrer
nom te mates desse geyto
nem tomes tanto a peito

St.

O que nom podes sofrer
Oo triste porque nasci
quem nunca soubera amar
at. outro tanto digo de mim
tantos ays podemos dar
que morramos eu & ti
acaba vamos jantar.

q Vãose, & diz o Autor.
aut. Vos quereis tornar a entrar
rep. estaa galante entrarey.
aut. sabeis senhor que farey.
rep q fareis. aut. não vos rogar
rep com isso menforcarey
rouxe eu este auto aqui
nam he muita marauilha
cô mantilha & sem mantilha
sabey que vos entendi
aut. Nam eu jaçouos na trilha
rep. nam se va a buenos dichos
cũ vos conheço muy bem.
aut. E vos conneceis ninguem
senão dous pares de michos
a sobérba que elle tem
& mais & mais. rep. q mais
aut. & mais sey que me entêdeis
rep. Passo que vos acrarais
aut. muy bem sey q malcânçais
se vos fois o que dizeis
rep. Afe de me illo dizerdes
cômo sayrimos laa fora
aut. la fora, & aqui agora
E mais onde vos quizerdes
rep. defaio eu nam no aceyto
estais do vinho tolheyto

agora fresco do torno
& estaa a lua sobre o forno
tenste munhado no feyto
aut. vos mentis pera sandeu.
rep. mais mentis vos dũ cabrão,
mat. ora nam ajaes paixam
do. Não to ey de sofrer eu
oo mundo & como es vãe
senhores podeis vos yr
que não quero vosso auto
o homem ha de ser çauto
no que se pode seguir
Metime em boa duasa
trazer roydos a casa
côprados por meu dinheyro
eu adiuinhe y p' timero
esta redoudice rafa
a graça esta delicada
nam se pode mais cuydar
prazer que ma de custar
vir polla ponta da espada
vao quem quiser compiar
yna. Dey xe os vossa mer te jaa
fazer pois que ca estão
& mais parece rezãe
& tambem nam ficara
essa gente toda em vãe
day por feyto o mao reccado
pois nã ha quem nã de cinco.
do. pauoice com a linco
soffrerse he grande peccado.
yna. Não sentêde no tal brinco
nã se fazem autos a P'apas
com arroydos, com trampas
& a Reis & Emperadores

dó. Esses são grandes senhores
& têm maiores folgas
& alargam mais as redes
ma. ou nam sejas tam delgada
nunca fostes em Ytalia
onde se fazem comedias
Ora ouuime hũa grandeza
que vi dentro em Veneza
vi que se representou
hũa cena que durou
seis horas, f. percerteza
& mais ninguem se enfadou
ali vi quatro arroydos
onde foram mil feidos
outros tantos espancados
hús em pee, outros sentados
estauam sem ser ouvidos
porque são bem ensinados
Aqui nam he necessario
alegar cõ el Rey Dario (das
masnos dous bichos dous na
fazemos mais matinas
que grallias em campanario.
Inacio Pacheco,

Para que he mais arguir
jaa que os mandastes vir
nam se vaa deytalos fora

do. Façase o auto embora
porq̃ eu nam o quero ouuir
autos he deuasidam
da casa & mais da pessoa
autos he hũa confusam
sem nenhũa concusam
& desgostos que nada soa
Auto he nam ter dez pazes

com matantes com rapazes
com embuçados em casa
he hũa de shonra rafa
que soo entendem capazes
sofferer auto he cousa fea
porq̃ he estar des em caldas
veloey em casa alhea
sobre muyto boa cea
posto em cada yra de spaldas
auto entre trinta amigos
ou cento sofferer se ha
mas outros de entrarem la
cõ quebrar portas postigos
este tal nam se vera.

Muy bem se pode viuer
sem ver auto nem autinho
pão, carne, pescade & vinho
isto soo quera eu ver
porque isto anda o ca vinho
yna. Todo isso vos confesso
mas ha se de passar tempo
do. Passar tempo com o rmeto
senhor he muy mau processo
& alem de processo vento.
yna. O máde q̃ entrem senhor
comecem de vir autor.

Autor.

Temos ca tujo entorna Jo.
do. porq̃ au. porq̃ esta arrufado
nosso representador.
mat Nũca jaa temperaremos
isto he processo infinito
nam sabe algum o seu dito.
au. senhor nã. do. rogar lhoemos
aut. Roguelho vossa merce

520

queu nam they de falar nisso
do. Eu cayrey nesse comisso
par oje peis que ali he
senhor vos aueis de entrar
ja que nesta casa entrastes
& ja que vos nos honrales
nain nos queyras & agrauar
rep. Pois vossa merce mo pede
falloy poi que ca vim.
do. Seja por amor de mim.
rep. Ia you pois cabi na rede.

q. Torna a representar
Ali que tornando ao tema
sey q a muitos dey no goto.
& não lanço em sacco roto
o pera onde cada hum rema
muy defuiados defecto
hús fazem doytava rima
sem saber aque se arrima
& outros vereis que limaõ
gram paruoyce cadima
coutros comelies elimão

Diram os matantes.
Boa figura, boa figura.
rep. Isto não se soffrera
manday calar falarey
se não zóbe n queu me yrey;
& o autor tambem se yra
peis que aqui se via tal ley
mat. Boa figura, be a figura
rep. Temme encerrado velhices
dalgus que com tredorices
ves dam a entender q zombã
& eudes não vem q arromban

todas suas paruoyces
E ainda outra cousa tender
que estes galantes palhastrós
naõ sam Meueles ne Castros
lenaõ hús & cetera mendez
Aqui batem cos pes es ma-
tantes.

do. Calayuos ouuirnos licmos
rep. Senhor estou defonrado
& demos por acabado
o meu dito & acabemos
yna. Nam se jae tam agastado
do. O que melle agora sente
deixaiuos que zóban & batõ
rep. Agora que mo mandais
a mi naõ me lembra mais
nem direy mais q me mata
nê vos de mi mais queyras.

q. Saese o Representador, & en-
traõ Góçalo, & Bras, & Pero
Gil vilões & diz.

g.b. Sois vos esse Pero gil.

p.g. Ou Gonçalo Bras Galego
ôde he ayda gô dou começo
no calal de lo am sotil
teu gram festa samerce

p.g. Bem porq gô. Casou a filha,

p.g. Cõ que gô. cõ va paz da illa,
nam no conheço bõfe.

Mas como tenho alcançado
dizem copay lhe tem dado
o prafino & mais a zenha
& o oulual porque tenho
todo dentro num cerrado

pe.gil. eu ouui ja remorder
a pessoa que he de crer
que cayra ella em comisso,
gon nam diria ninguem isso
nem era pera dizer.
Se ella nam saia fora
senam ao mato & aa fonte
que estaua logo defronte
pera que he mentir maora
nem de veras, nem de jogo
se fie ninguem de lingoa
q̄ ode o ser da lingoa mingoa
lhe sobeja ser defogo.
Pero gil he todo graça
sabey q̄ ha lingoa de traça,
pe.g. laa so aja ella confego
loutro boy laurou o rego
muito boa prol lhe faça,
ainda que lhe elle ache
menos a principal peça
douuas a fee que lhe esqueça
eõ hús pouzinhos dũ auache
Ia nam rodea ninguem
por virtude hũa soo legoa
casa o asno com dona Egoa
polo dinheyro que tem.
Mas deixemos isto estar
porque vos quero contar
o que passay co juiz
veo mea mosca o nariz
gon. Inda vos não quer deyxar.
pe/g. eu não sey que mal lhe fiz.
gon. entendestes vos prouar
o libello. Pero gil. Ia te vio,
gon. & o juyz com que sahio.

Pero gil.

Sabio per elle apellar,
gon. nisso soo vos destroyo,
pe.g. não sey por hu entre agora
gon. pedi cartas pera fora
carregay de dilaçam
lospeitay o escriuam,
pe.g. ysslo quando. gō. logo effora
porque os procoladores
juizes & escriuães
nam perdoam suas máys
em que venham pregadores
gon. doença he que nã sara.
pe.g. yrra fora va de pulha
justiça que faz barbulha
fara cajado da vara.
gon. Vos achareis escriuão
que he de cantaria falsa
& mete sus alma em balsa
por ripar o que lhe dam
mas pode ser que no fim
no castilho de Belcay de
que seja preso o Alcay de
pollas mãos do beleguim.
Auey todavia o feyto
das mãos do lecenceado
pe.g. tenho hũ engano armado
gon. que jando, ou de q̄ geyto,
pe.g. por onde cuyda q̄ ata ha
pera lifaço a batalha
& praza a Deos q̄ nã quebre.
gon. q̄ tal he. pe.g. a questa lebre
ou pelle chea de palha,
gon. muy galate estaa a nouella
mas como a fareis singella

S

auerlhays o feito a mão
 p.g. dareylha lebre & entam
 la so aja elle com ella.
 gon. & quelhe direys então
 p.g. por força o ey de enganar
 por mais que seja peruido
 direylhe palhas he isto
 para o que lhe ey de dar
 gon. Vamos la querro yr ver
 tamanha graça com essa
 p.g. ora sus vamos de pressa
 que lam horas de comer.

¶ Vãse estes; & entra o escudei
 ro & seu moço, & diz.
 esc. Como isso esta singular
 & assi que o sobre dito
 não quis dar por meu escrito
 ora deixay uos estar
 por estas que ey de viuer
 como coiffayro & escasso.
 mo. vossa merce he deuasso
 nã no estimão, isto ha de crer
 tenha em si mais compasso.
 A muita conuersaçam
 com necios he mao zuelo
 porque fica em menos preço
 esc. Falas mera discriçam
 hum bargante que lhe fiz
 amizades endiabradas
 & me deue inda a oufadas
 o q eu calo. mo. elle o quis
 esc. Meu primo ayres dourem
 que fazia estua ahi
 mo. que eu. esc. meu primo,

mo. senhor fi.
 es. cõ que estava. mo. cõ ninguẽ
 esc. & pois viste lhe tu geyto
 de vir. mo. estua na palma
 esc. Sabes que me defencalma
 poucas palauras & feyto
 porq este he o manjar. dalma
 mo. Agora quando eu vinha
 estua a sua Varela
 la de dentro da janela
 esc. Viste a por vida minha
 mo. bem perto estue eu della
 esc. dize regote faloute.
 mo. não estua ay a madrastra
 esc. essa bebida magasta
 que assi foy estroutra nõyte
 Se eu oje por tua industria
 fallõ a essa rapariga
 tês de mi. mo. q. esc. esta figa
 pois que queres que to diga
 os meus altos de setim
 que mais ques ahi os tês
 mo. sam altos de bayxos vês
 daljubarota a çam
 esc. Nunca agradeceste nada
 mo. os muslos me dão no gote
 de hũa parte os cerca roto
 da otra graxa tajada.
 esc. ay de pucha que piloto
 sois muito çujo bargante
 & mais de sauerge nhado.
 mo. bem pareço seu criado
 esc. não vamos mais por diante
 calai uos. mo. ja estou calado
 esc. tês tu mais honra de teu

que fores criado meu
mo. tem vossa merce rezama
esc. pois porque falas villana
ingrato, paruo. fandeu
mo. fandeu nam mas paruo si
queu me conheço daqui
presente vossa merce,
esc. saybamos isso porque.
mo. porque sey que me perdi
esc. perdido ettaes vos comigo.
mo. não estou se não ganhado
com o principal priuado
quel Rey té bofe meymigo
perdeylhe vos o cuydado
esc. Tu vilão todo es. miste. ios
tenho logo quem te. n tudo
quein mája grudo & meudo
os mares & os imperios
& faz doudo do sesudo.
mo. Isso com que futilizas.
esc. grangeo suas nobrezas
com gram gloria o faço erer
que elles sam pera réger
quatro centas mil venezas
& que o Reyno sem elles
não val nada, & q̄ elles sam
os que tem em tudo mão
entam não cabem nas peles
com gabos desta leyçam
També tenho outros grâdes
que ainda q̄ elles não falem
tuas rapasias valem
mais que refinas verdades.
mo. A isso nam ha caso forte
bem diz que vontade he vida

como a rezam he perdida
com ella se perde o norte
& tu lo vay de cayda
esc. Eu não quero mais priuança
que saber me el Rey o nome.
Moço:
Milhor fora auache & nome
que ter tam vaã esperança
este meu conselho tome
esc. Dexemos agora estar
o vossos interpretar.
ja sey que suis auisado
sabey que trago em cuydado
de bem vos aproueytar
viury muyto descansado
ja vos acrecentey a capa
entam quem a tem escapa
a muitos inconuenientes
defensadayuos em mentes
atee que eu ache solapa
seruindo vossa merce
jurolhe por vi ja minha
de lhe auer hũa eicreusinha
pera os reynos de Guine
onde se enriquece asinha
Quando tam mo fino for
que me fulte o atambor
entam naquella barquagem
aueremos grometagem
pera a Mina que he milhor
& yreis mais deuentagem
Metale homé cõ estes grâdes
porq̄ elles poem o despacho
mo. Se isto pará si'ho macho
eu me trey de mais frandes

FE

q Entra o primero com os cantores, & diz:

pri. Quem he da parte del Rey

esc. He hũa persona presa

pri. trazeyz feda que he defesa

esc. Se atrago telacy

fabey que viuem comigo

os alcaydes & meyrinhos

& se bollem cruzadinhos

por aquel viejo postigo

me vam fazendo caminho

pri. & pois isto onde ha deser

esc. senhor aqui neste canto

pri. oo neste canto esta santo

comecemos sem deter.

q Aqui dam a musica tangendo & cantando, & acabando diz a velha.

Bem & donde resurgiram estes musicos vadios

anday la ter amorios

com as mãys q vos parirão

tomados das maas estreas

bargãtes q andam embande

cada noyte disfamando

aqui das filhas alheas

Entam com seu musicar

cuydam que ham de alcáçar

o que querem & desejam

mas nũca os olhos lho vejá

saber lha a rofalgar.

esc. Senhora; a vos da janella

ve. andar di maora & nella

patifes mal espinados.

ladroaços e esfaymados

esc. Amanay vos mais as vellas

ve. Que chamaiz vos amaynar

mandar vos ey hi tomar

por deus pares de ratinhos

q vos quebrẽ os focinhos

pri. Isso he muyto falar

ve. os alcaydes & meyrinhos

& tambem os escriuões

andam por outros caminhos

vão prender embuçadinhos,

& deixam estes ladrões,

Deyxay vos amanhecer

que ou eu puco poderey

ou me yrey aos pees del Rey.

esc. & que lhaueis de dizer

ve. não me ensineys que eu o sey

est. Dirtheys que quero casar

somente com vossa filha

& casar não he marauilha

ve. milhar a espero empregar

esc. eu sam criado del Rey

& mais comigo trarey

que diga que isto he meu

ve. Perguntay a Bertolamen

pouca vergonha sem ley

sc. senhora não me ouviras

ouçame que não he furto

ve. la vos mando esse meu curto

esse vos respondera.

Escudeyro.

Velha soim de cortes

dalhe que eu tajudarey

ve. aqui del Rey, aqui del Rey

leuay estas desta vez

q Aqui fogem, & diz Ignacio
Pacheco.

Ina. Cantase a gloria nos fins
mas pera encustar rezões
autos sam como melões
hús sam bós outros roins
toda via queria antes
q fossem melões Dabranes
porque duas cousas tem
sam fins & sabem bem.

mat Sois o cume dos galantes
eu sam desses enganador
sabey que tres cousas sam
autos. pregador, melão
não se soffrem rezoados
bem se pode dar parellas
aa dita farsa singella
que soamente fallar nella
me punha a boca na orelha
Timha a por coufa medonha
mas ella foy enfadonha
em algús passos senhor
y então cuyda o autor
q en toda graça se enfronha
tomada assi em geral
não he de todas o cume
toda via tem churume.
de discreta & natural.

Ignacio Pacheco.

Não he como outros que vi

digo por algus coprantes
que trazem os Consoantes
pellos cabellos alli
& presumem de galantes
vos achareys coprador
que vos traz com calçador
o consoante ao balho
no qual leua mais trabalho
que cauar o peccador.
Mas todavia foy rasa
a obreta de respingo.

Matheus Daraujo.

Citouos pera domingo
pera hũ auto em minha casa.

Dono.

E o autor que cousa he.

Matheus Daraujo.

He hum tirado da peça.

Dono.

Feyto de sua cabeça.

Ignacio Pacheco.

Velloa vossa merce
& vasse la não lhe esqueça.

Daqui fico trebutario
do senhor gomez da rocha.

Dono.

Vossas merces querem tocha

Ignacio Pacheco.

Senhor não he necessario.

Fin.

LAVS DEO.

Il
0 6
0 1 1
0 2 1
3 4 6

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO
NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1917
NA
IMPRESA LIBANIO DA SILVA
EM LISBOA

PQ
9231
R48A9
1917

Ribeiro Chiado, Antonio
Auto da natural invenção

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 13 13 13 016 3

